

ENSINO JURIDICO

A Faculdade de Direito, a Universidade e os problemas do ensino

Braz de Sousa Arruda

PARTE I

Introdução histórica

A história das Universidades seria em grande parte também a da evolução do pensamento humano. Entre os monumentos pelos quais o espirito humano se expressa e se propaga, legados pela Idade Média, sobressai a Universidade. Abém! Por outro lado, as Universidades tem um caráter juridico, social e politico, como qualquer outra instituição. É por isso que a sua história faz parte da história das instituições. Se tivéssemos que escrever a história universitária levaríamos em consideração portanto o estudo da evolução da vida do pensamento humano, com pensamento, em equitativo equilibrio com a história das instituições, como instituições, nas quais ele se manifesta e patenteia.

A evolução histórica universitária, conquanto apresente surpresas, oferece uma extraordinária e espantosa continuidade a partir dos albores do século XII.

A origem dos estudos das artes liberais e as Escólas Pré-Universitárias

PLATÃO, o magnifico pensador de linguagem poética e inspirada, com o seu sistema de ensino, exposto na "Repu-

blica”, é o fundador da concepção da instrução pública que, muitos séculos depois, as Universidades iriam realizar. Na sociedade ideada por Platão, o homem, com o seu espirito pronto, porém solitário, está só. Ha escolas que o guiam, mas, alunos e mestres, acham-se isolados, sem ligação com o Estado e com a sociedade.

Os grupos de estudo se multiplicam e se transformam em verdadeiras escolas livres com bibliotecas: Pérgamo, Antióquia, Athenas. Com a destruição do Império Romano essas escolas estavam destinadas á ruina: desaparecem, e nada ha de comum entre elas e as escolas da Idade Média. As escolas gregas não tinham finalidade pública, o que não acontecia no mundo romano, onde estão sob a vigilância do Estado e tomam aspecto social, conquanto lhes falte o apoio moral e, com o crepusculo do mundo antigo, as mais célebres desaparecem.

A desagregação do mundo romano ameaçou de ruina toda a obra intelectual resultante do trabalho de numerosas gerações de filósofos, gramáticos e literatos antigos, gregos e romanos.

Em três pontos sobreviveu o ensino romano, transição entre o mundo antigo e o moderno: Roma, Africa, Gália.

Em Roma, devido ao esforço de CASSIODORO e da Igreja. Na Gália, as instituições romanas desapareceram completamente: delas permanece o reflexo que será uma possibilidade para o porvir.

A provincia romana da Africa, que fôra nos séculos IV e V, dois séculos depois era um deserto intelectual.

Todo o trabalho da Antiguidade não foi perdido: as escolas desapareceram mas a base da cultura sobesistiu e veio a ser o fundamento dos estudos universitários quasi até os nossos dias. São as artes liberais. Sua origem remonta PLATÃO mas foram definidas por Cicero e pelos filólogos do Império.

No século IV, a gramática, a retórica, a dialética, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música constituem a “disciplina encíclica”, unificada por QUINTILIANO e MARCIANO

CAPELLA, mestres das escolas romanas. MARCIANUS MINEUS FELIX CAPELLA, cujo nome está ligado ao de GROCIO, que dirigiu a edição de suas obras, em Leyd, em 1599, quando tinha apenas 15 anos!

De Roma êsse precioso legado passou para a Gália, para a Espanha e, quando as escolas episcopais e monásticas, creadas pela Igreja, substituíram as do Império Romano, as artes liberais constituíram a base do ensino. Agora, na Idade Média, o estudo tem nova finalidade moral, e os elementos da cultura antiga vão reaparecer sob nova fórma. A orientação dos estudos converge agora para a ciência sagrada, porque na nova sociedade a classe dos altos funcionários fôra substituída pelo cléro, que ocupa uma multidão de cargos e cuja primeira preocupação foi a leitura das Escrituras e, posteriormente, com Cassio, a Theologia. A gramática, chave do estudo, era disciplina fundamental, a qual se juntou um pouco de lógica e de retórica.

No principio da Idade Média, o “trivium” (ciências lógicas, filológicas, entre as artes) era o mais importante dos grupos unificados por Marciano. Êsse grupo se descompôs em 3 partes. Essa situação se prolongaria até o renascimento carolíngio no século IX, quando o “trivium” e o “quadrivium” reaparecerão.

Ha diferença essencial entre a instrução romana e medieval: na Antiguidade cultiva-se a arte pela arte, na Idade Média a arte é alicerce do vasto edificio da sociedade cristã. A instrução serve de preparo para a profissão de jurista, de médico ou de teólogo.

Com a invasão dos barbaros as escolas com programas desapareceram. Nos séculos VI, VII e VIII a instrução é ministrada nas escolas episcopais e monásticas, assemelhando-se a seminários destinados à educação do cléro, a nova classe de intellectuais.

A Gália, a Germania, as Ilhas Britanicas as possuem em grande número, cujo apogeu se dá nos séculos IX e XI, em consequencia do afluxo civilizador dos monges irlan-

deses e anglo-saxões que, com suas viagens à Roma enriqueceram o patrimonio cultural na época.

Todas essas escolas perderam sua importância a partir do século XI. Os dois grandes sistemas, episcopais e monásticos, se sucedem no regime dos estudos medievais. As escolas monásticas diminuíram de importância após o ano 1.000, porém não desapareceram completamente e deixaram vestígios nas escolas e colégios de muitos países, ainda em nossos dias. Convergiu para o ensino secundário ao passo que as escolas capitulares, a das catedrais ou episcopais, convergiu para as Universidades.

Na época carolíngia, as artes liberais estão muito desenvolvidas, principalmente no que concerne ao “trivium”, com os conhecimentos essenciais à educação do padre. Cultiva-se não só o “trivium” como o “quadrivium” (ciências matemáticas), embora não fossem estas consideradas essenciais à formação do clero. Os estudos se desenvolveram extraordinariamente, principalmente em França, livre das querelas políticas que agitavam a Itália e a Alemanha. É essa a razão porque as Universidades surgem com prioridade na França.

As raízes das grandes Universidades estão no sétimo século, nas Ilhas Britânicas, na Bretanha e na Irlanda.

ALCUINO, o inspirador da legislação cultural de Carlos Magno, deve sua formação literária à escola de York. O desenvolvimento das universidades porém tem como centro a França, desde os dias felizes de Carlos Magno, de ALCUINO e da invasão pacífica dos irlandezes e dos ingleses. Carlos Magno, 787-800, desejoso de reformar as escolas, termina a união das de Paris que formam a grande Universidade, impulsionando a cultura para a frente.

No Império Romano o ensino é ministrado pelo Estado e para o Estado. Na Idade Média, até Carlos Magno, o ensino é ministrado pela Igreja e para a Igreja. Carlos Magno favorece a restauração do ensino clerical. As escolas ligam-se estreitamente à vida da catedral, sistema que se

estabelece definitivamente com Carlos o „Calvo”. As cidades atraem a atenção dos mestres e da juventude e a vida intelectual se desenvolve nos centros importantes: Méz, Soissons, Orleans, Tours, Chartres, Reims, Paris. A vida literária e política participa da vida urbana. O nascimento das Universidades está ligado portanto a êsse movimento de urbanização. As circunstâncias colocaram Paris no primeiro plano e aí surgiu a primeira Universidade.

Origem da Universidade de Paris e estudo da Teologia

Sofre então o ensino das artes liberais grandes modificações: a gramática cede passo à dialética; a retórica torna-se a “Ars dictaminis”, enquanto o resto das artes serve de introdução a essas duas disciplinas. O “trivium” e o “quadrivium” são reformados de acordo com a nova concepção filosófica da cultura datando de Alcuino. Desenvolve-se então o novo método de argumentar, popularizado por Abelardo e exagerado pelos seus discípulos. Esta filosofia realista condicionada por ARISTÓTELES (Organon), é a Escolástica, cujos traços essenciais se encontram no século X com Santo Anselmo, nos séculos XII e XIII, em ligação estreita com as escolas medievais, as futuras Universidades. As escolas da Ilha da cidade, não eram as únicas. Na encosta norte da montanha Santa Genoveva, mestres já professavam no século XI. O fundador porém do ensino na margem esquerda foi ABELARDO que para ali se retirou, ensinando na Abadia de Santa Genoveva, que era autônoma e não estava sujeita à jurisdição do bispo e dos seus chanceleres. A poderosa personalidade de ABELARDO atraía um multidão de estudantes. Contudo só 50 anos mais tarde que se formaria a verdadeira Universidade. Foi em Paris que, mestres e estudantes, adquiriram uma espécie de consciência comum, consciência coletiva, um espírito de corpo, conquanto ainda não exista o sentimento nacional.

A formação da ciência sagrada marca o nascimento da Universidade de Paris. Como sucedeu para as outras, a Universidade de Paris teve várias causas para explicarem o seu nascimento. Causa material: crescimento do saber humano no século XII, pondo à disposição dos espiritos um ról de conhecimentos de toda ordem. Causa formal: desenvolvimento do movimento corporativo, homens com a mesma ambição dirigida para um fim comum. A terceira causa eficiente da criação da universidade de Paris, é a pressão das circunstâncias. Foi-lhe necessária uma série de próvas para se afirmar na sua unidade e adquirir personalidade jurídica. O Papa Celestino III lhe concede privilégios de character jurisdiccional. A situação firmou-se entre 1192 e 1200, depois do motim havido entre os estudantes e o pessoal do prior (A policia), com um privilégio de Felipe Augusto, em 1200, que colocou a corporação debaixo da jurisdicção eclesiástica. Em 1208 o privilégio é confirmado pela Santa Fé. Fica então a corporação livre do poder eclesiástico local, tornando-se uma instituição mundial.

Em 1215 o curso de estudos é regulamentado e para se obter o gráu em artes é preciso ter 21 anos, haver seguido o curso de 6 anos e mais dois, em que o “trivium” domina. Quanto aos teólogos devem ter 33 anos, curso de arte de oito anos e de teologia de cinco. Adquire então o direito de lecionar. A Universidade obtem personalidade jurídica entre 1221 e 1229. O nome Universidade contudo significa apenas corporação e só tomará o actual sentido em 1261. Constituiu-se definitivamente a Universidade em 1229 e 1231, depois de grave acontecimento — a dispersão do Studium (1229) tendo sido pósta em realce mais de uma vez a sua importância. Está fundada a Universidade de Paris!

A sua causa final: florescimento das grandes carreiras indispensaveis à sociedade e, em última análise, a aspiração sublime de servir à Deus e à Igreja. Assim Paris, cuja grande escóla episcopal atraia os filósofos e teólogos, via nascer a Universidade-Mãe, que dirige desde então o pen-

samento especulativo, enquanto que a Universidade de Bolonha, formula e inspira o pensamento juridico do mundo. Bolonha é a ciência do Direito, Paris a teologia.

A Universidade de Bolonha e o Direito

Discute-se ainda muito a origem da Universidade de Bolonha, parecendo-me indubitavel que ela nada mais é do que a transformação da de Ravenna. Esta surgiu certamente depois de Justiniano, sendo impossivel precisar a época do seu nascimento. Particularidades sôbre a matéria podem ver-se em FREDERICO CICCAGLIONE — Manuale di Storia del Diritto Italiano. Ou, em G. MANACORDA, Storia della Scuola in Italia. Em CICCAGLIONE encontra-se riquissima bibliografia.

Na Italia, nos últimos anos do Império, as escôlas de retórica já ensinavam o Direito Civil. Foi a retórica que abriu caminho ao Direito. Na Italia o ensino juridico está intimamente ligado ao das artes. O ensino retórico juridico prossegue sem interrupção na Peninsula Italiana, durante os primeiros séculos da Idade Média: a escôla de Pavia, de Piacenza, de Milão, Mantua, Verona, Versaile, Ravenna, onde se cultiva o direito lombardo ao lado do romano..

As escôlas de Bolonha, após o declinio das de Ravenna passam a ser as mais reputadas, desde o século XI. Bolonha está em admiravel situação geográfica, na encruzilhada das estradas de Roma, Ravenna, Pisa e Pavia, onde as influências romanas bisantinas e lombardas facilmente se encontram. Ai os estudos liberais atingem o seu apogeu no século XII mas apenas esses estudos não levariam Bolonha ao cume do seu justo renome mundial, o que distingue Bolonha é a sua contribuição para os altos estudos juridicos e o desenvolvimento das artes. Em Paris foi a cathedral que deu origem à Universidade, em Bolonha temos: a escôla

episcopal favorecendo o estudo das artes; as escolas municipais, o estudo do Direito Romano e as monásticas o do Direito Canonico.

Direito Civil

O Direito Civil ensinado nas escolas municipais da Italia, era um mixto de sistemas compostos em várias épocas, Direito Civil ante-justiniano, Códigos bárbaros...

Estuda-se o direito da lei das doze Tabuas, os códigos gregorianos (4.º século), Teodosiano (438), as Institutas, o Digesto. Mais tarde liga-se importância definitiva unicamente ao trabalho de Justiniano.

Com a invasão dos bárbaros ha interpenetração do Direito Romano e dos Direitos Bárbaros. De Ravenna a codificação de Justiniano passa para Bolonha no século XI, onde se forma uma verdadeira escola. Aparece então, em Bolonha, um grande renovador dos estudos de Direito Romano: IRNÉRIUS. Esse grande renovador, segundo parece nasceu em Bolonha, e a sua vida é pouco conhecida. Reviveu o estudo do Direito Romano, fazendo que a escola de Bolonha se tornasse para a jurisprudência o que era a de Salerno para a Medicina. Parece que foi ele que instituiu os graus científicos e as insignias respectivas.

O Direito Canonico

Bolonha desenvolveu o estudo do Direito Civil e do Canonico, cujas fontes se encontram nas Escrituras, na tradição e nos costumes, na legislação eclesiástica, decretos, concilios e rescritos dos Papas, acrescendo-se a estes fatores á influencia romanistica, adaptada à vida da sociedade cristã.

No século XI, com SANTO IVO DECHARTRES e BURCHARDE de WORNS, tratou-se da sistematização dos códigos, seguido grande desenvolvimento que é uma verdadeira transforma-

ção. É o Jus Antiquum substituído pelo Jus Novum, o decreto de Graciano, o resumo do Direito Canonico do século XII.

O Direito Canonico, separando-se da teologia, torna-se ciência autonoma com o decreto de Graciano, em 1140. Dai tornar-se Bolonha famosa pelos seus decretistas.

Como se estuda em Bolonha

No século XII em Bolonha existiam escólas e mestres de primeira grandeza, faltava porém forma e organização universitária. Tornou-se necessário que se reunissem as escólas para formar uma corporação universitária. Em 1158 o Imperador Frederico Barba Roxa concedeu jurisdição especial, escolar e eclesiástica aos estudantes estrangeiros residentes em Bolonha. Supõe-se ser isto consequência:

- 1.º) De falta de jurisdição particular eclesiástica;
- 2.º) Sentimento gibelino;
- 3.º) Presença na cidade de grande número de estrangeiros;
- 4.º) Tendência á opressão por parte da Comuna.

De fáto, os estudos em Bolonha se organizam sob a pressão do poder Comunal. Ao contrário do que succedeu em Paris onde a corporação dos mestres e alunos era uma só, agora se separam, ficando os alunos com a sua corporação e os professores sem apoio coletivo. As causas desse fenomeno são multiplas. Antes de tudo, a questão da nacionalidade: os mestres eram italianos, e estavam sob a jurisdição política da cidade, os alunos eram, na sua maioria estrangeiros.

Os estudos juridicos eram leigos e estavam fora da proteção da Igreja. A Comuna restringe os direitos dos professores e a corporação destes se isola da dos estudantes. Desde o século XII, com a ajuda do Imperador, os estudantes se reúnem segundo sua nacionalidade, formando corporações.

São as nações dos Toscanos, dos lombardos dos borguinhões, dos gascões, etc., que, na primeira metade do século XIII, se reduzem a duas: a dos italianos e a dos estrangeiros ou ultramontanos. Essas corporações formam as universidades de juristas, tornando-se o studium de Bolonha uma universidade de estudantes, como a de Paris fora a universidade de mestres. Contra Comuna, os estudantes se aliam ao Papado, que os auxilia depois de 1140. Já em 1219 Onório III autoriza o arcebispo de Bolonha a conceder o grau contra os interesses da Comuna e dos professores. A Comuna em 1258 tenta violar o privilégio imperial de 1159. Depois de 1270 a autonomia universitária está assegurada, feliz término de uma política grave e ameaçadora de adaptação mútua dos poderes eclesiásticos e civil.

Salerno e Montpellier

A Teologia é fruto do espírito greco-romano, o direito, produto do gênio romano. Gerações de pensadores elevaram a inteligência ao conhecimento da ordem sobrenatural e da ordem natural da sociedade. Só mais tarde porém o estudo da ordem física e moral da natureza concorre para o desenvolvimento da filosofia e da medicina. Essas duas disciplinas cristalizaram-se nas universidades medievais. A Medicina teve suas origens na Grécia e transmitiu seus tesouros a Salerno, sob a influência greco-árabe. Montpellier ficou sob a influência judeu-árabe. A Medicina não era unicamente teórica mas sim particularmente prática, nas partes referentes à farmácia, botânica e matéria médica. O ensino monástico na Idade Média apossa-se da medicina e os mosteiros beneditinos são verdadeiras instituições hospitalares. Já no século VII existiam em Salerno hospitaizinhos, onde a vida monástica laboriosa, o tratamento dos doentes e a cultura grega, contribuem para o desenvolvimento dos estudos médicos. Estes hospitaizinhos se transformariam facilmente em escolas. No século X e XI os

médicos salernitanos, clérigos e leigos já são afamados. A principio o ensino se transmite de individuo para individuo, como na Grécia antiga. No século XI, Constantino, o “Africano”, introduz a influência arabe. Esse Constantino Africano, era natural de Cartago e possuía toda a ciência de seu tempo. Acusado de magia em Cartago, veio para Salerno onde foi secretário de ROBERTO GUISCARD. No século III Salerno está no seu apogeu, e a sua grande glória é o Antidotário, imensa coleção de formulários, receitas, etc. Depois do século XIII começa a decadência. As escolas de Salerno coordenam o ensino e fornecem ao mundo textos autenticos, de que ele tanto precisava. No século XIII, que é o século da organização universitária, Salerno já possui sua doutrina ha mais de um século. Contribui para a preparação, condensação e depósito de conhecimentos das futuras universidades, enviando-lhes mesmo seus próprios professores, como GILLES DE CORBEIL, que deixou a “Cidade Hipocrática”, em 1180, para se fixar em Montpellier.

Em Montpellier a medicina foi incorporada à Universidade. Esta devido á sua situação mediterranea, junto da Espanha, sente mais de perto a poderosa influência da civilização arabe. A medicina arabe difere profundamente da introduzida em Salerno, apresentando um aspecto especulativo e mesmo metafisico. A doutissima população judaica da Espanha contribui tambem muito para o estabelecimento dos estudos científicos em Montpellier. Os centros hospitalares aumentam e, em 1.300, a Ordem do Espirito Santo possui 400 hospitais, sendo 128 na Espanha, subsistindo ainda em Roma um deles nos nossos dias.

Em condições intellectuais e materiais favoraveis, sem atritos entre o poder religioso e civil, a evolução da Universidade vai se fazendo pacificamente. Já no século XII os mestres em medicina e em arte exercem as suas funções em Montpellier onde as escolas livres, se desenvolvem em redor da Igreja de São Firmino. Não formam contudo ainda uma corporação, uma universidade. A transforma-

ção dá-se entre 1180 e 1220, sendo a carta orgânica redigida pelo legado pontifício Cardeal Conrado d'Urach. São então introduzidos os exames de licença. O corpo dos mestres é dirigido por um professor, sob a vigilância da Santa Fé. Desde 1221 as disciplinas agrupadas nas escolas são chamadas Faculdades. A Medicina separa-se definitivamente das artes liberais e sua definição metodológica é dada pela primeira vez. Em 1289 a organização dos estudos é completada pela bula pontifícia "Quia sapientie". Forma-se assim a Medicina Academica de Montpellier.

Faculdade de Filosofia

A Filosofia e a Medicina são de origem grega e tiveram o seu desenvolvimento no Ocidente, no quadro das artes liberais, refundidas durante o século XIII. O ensino da teologia estaciona, o Direito e a Medicina sofrem uma profunda transformação que afeta a Faculdade das Artes, que se transforma verdadeiramente em Faculdade Filosofia. Causas: — Introdução das ciências naturais; infiltração crescente das traduções sicilianos e ispano-latinas; as especulações científicas e a renovação da dialética, alargando o quadro estreito das escolas, introduzindo a lógica, a física (filosofia natural, cosmologia, psicologia) e a especulação metafísica ordenada. Destaca-se a gramática das outras artes, tornando-se um curso de preparação para as crianças. A retórica se transforma em "Ars dictaminis", enquanto a filosofia absorve as outras artes e ciências. A Filosofia tem que se tornar orgânica e é procurado Aristóteles (a alma, a física, a ética, a metafísica). Nessa época a obra dos filósofos das ordens mendicantes, principalmente dos Dominicanos, é providencial.

Seus grandes tratados enciclopédicos, principalmente o *Specula* de VICENTE DE BEAUVAIS, são lidos assiduamente. Os Franciscanos introduzem a cosmologia em Oxford e criam a célebre escola de que ROGERIO BACON foi o representante

mais eminete. SANTO ALBERTO o “Grande” e SANTO TOMAZ DE AQUINO sistematizam o peripatetismo criando um novo quadro definitivo para a filosofia cristã. Deve-se a entrada dos Dominicanos nas Faculdades em 1255, a introdução integral e sistemática do aristotelismo, o que as transformou em Faculdade de Filosofia.

Predomina SANTO TOMAZ DE AQUINO, estabelecendo-se definitivamente a síntese cristã do tomismo, perpetuando-se a posição predominante da filosofia nessa Faculdade heterogênea, que passa a ser definitivamente Faculdade de Filosofia onde é comentada a obra de ARISTÓTELES.

Expande-se o movimento Universitário

O movimento corporativo, de que as Universidades constituem o maior exemplo, propaga-se rapidamente no século XIII. Cinco Universidades: Paris, Bolonha, Montpellier, Oxford e Orleans têm suas origens no século XII e se estabilizam no século XIII. Segue-se uma série de instituições análogas.

A mais antiga é a Universidade de Oxford. Oxford era uma cidadezinha, mencionada pela primeira vez em 912; no fim do século XII desenvolve-se graças à agricultura e ao comércio. Em 1110 aparece o primeiro mestre — THEOBALDO D'ÉTAMPES, depois do qual vêm sucessivamente ROBERTO ADELARDO DE BATH, VACATIUS, discípulo de Irnérius. O Direito Civil, as artes, a teologia, já estão representados e Oxford possui já numerosas escolas, professores e alunos, nos primórdios do século XIII. Entre os seus numerosos conventos e igrejas, a Abadia de Oseney e o Convento Agostiniano de Santa Frideswyde mantem a tradição das escolas primitivas. Apesar do estabelecimento de um verdadeiro studium, falta ainda a organização, a personalidade, adquirida debaixo da pressão de acontecimentos de ordem social, a exemplo do que acontecera em Paris. Em 1208, com a

morte de dois estudantes inocentes, mestres e alunos emigram para Paris e Cambridge, do que resulta a fundação da Universidade de Cambridge e a obtenção para Oxford de privilégios jurisdicionais. Essa jurisdição é exercida pelo bispo de Lincoln e por um chanceler. Os estudantes conseguem o direito de grêve, de secesso.

Em 1240 Henrique III lhes concede confirmação de privilégios. O chanceler tem agora a plenitude dos poderes e a Universidade estende seus direitos, que consagram definitivamente a sua independencia. É o Papa sempre o seu protetor supremo, embora suas ligações diréttas com o studium sejam mais limitadas, o que não sucedera com Paris, pois Oxford o estudo teológico é muito menor e menos vigiado. O chanceler é onipotente e membro da Universidade. Personagem da confiança da Universidade e da Santa Fé. Num dos Estatutos dessa época já se dá a substituição da palavra studium por “Universitas”, sendo a palavra Universidade empregada pela primeira vez no sentido moderno.

Outra grande Universidade ingleza é Cambridge, formada, como vimos, por uma migração de professores e alunos de Oxford. A data da sua fundação é 1209 e a sua carta organica é de 1218.

A Universidade de Padua resultou da secessão escolar verificada em Bolonha em 1222. Os estudantes já encontraram ali escólas, principalmente a de Direito. Ficou sob a proteção da Comuna e da Santa Fé. A organização dos estudos é feita de acôrdo com as linhas seguidas em Bolonha. A obra dos Dominicanos é em Padua verdadeiramente empolgante, fazendo-se sentir a fé ardente do grande taumaturgo Santo Antonio, que inflama as almas estudiósas e misticas. Formam-se outras universidades na Itália: Pavia, Sienna, Curia Romana.

Surge na França, no século XIII um outro centro de estudo: Orleans. Ainda no século XIII são creadas universidades efemeras. Depois de 1215 as fundações já não são expontaneas, “exconuetudine”, aparecem estabelecimentos

“ex-privilegio”. Sentia-se a necessidade de multiplicar as escolas o que é feito por meio de uma carta de fundação, uma bula ou um privilégio real.

As primeiras grandes fundações desse genero são a de Valencia e o studium de Napoles, creado pelo Imperador Frederico II, rei das duas Sicilias, em 1224, anunciada numa enciclica e tendo por escopo diminuir a importância de Bolonha, Universidade de Guelfa e detestada.

A Universidade de Napoles pertence ao Estado e não consegue prosperar.

A Universidade de Toulouse é essencialmente pontificia, fundada a pedido dos Papas Honório III e Gregorio IX, pelo Conde de Toulouse em 1229, e deve a sua origem à luta contra a erezia albigençe.

Na Peninsula Ibérica surgem durante o século XIII quatro grandes universidades. São fundações “ex-privilegio” conquanto de origem mais antiga. A Ibéria tambem possuía suas escolas episcopais em Sevilha, Segovia, Toledo, Castela, Asturias, Leão, mas nenhuma delas viu surgir uma universidade por causa da invasão mussulmana. Com a Reconquista, as Universidades, invenção cristã e ocidental, ali se introduzem. A primeira dentre elas foi Coimbra, em Portugal. Originava-se da escola da cathedral da cidade e teve relações com os Conventos de Santa Cruz, Guimarães, Santarem, São Vicente de Lisboa, Abadia de Alcobaca. A corporação, de formação espontanea hesita na escolha entre Coimbra e Lisboa para seu estabelecimento. Sua posição definitiva é de 1288 quando seus privilégios são reconhecidos por D. Diniz.

Fundada em Lisboa, pelo Rei Poeta D. Diniz, em 1290 e trasladada pela primeira vez para Coimbra em 1308, mais duas vezes voltou a Universidade de Coimbra para a Capital do Reino, de 1338 a 1354 e de 1377 a 1537, antes de fixar-se definitivamente em sua sede atual.

Foi neste último ano que o Rei D. João III resolveu retirar a Universidade do meio turbulento da Capital e

transferi-la de uma vez para Coimbra, que sempre foi importante centro de ensino, ministrado desde antes de 1308 no célebre mosteiro de Santa Cruz. A instalação definitiva do Ateneu Luzo nas margens do Mondego assinalou um periodo de raro brilho que durou muito tempo a morte de D. João III. Coimbra torna-se o maior centro intelectual do reino e um dos institutos de altos estudos mais notáveis da Europa.

Desde o inicio foi preocupação de D. João III trazer para Portugal os mais afamados mestres de outras nações, principalmente espanhois, como o mais notavel canonista do tempo. MARTIM DE AZPILCUETA NAVARRO, da Universidade de Salamanca. Na segunda metade do século XVII e no começo do século XVIII, Coimbra atravessa um período de decadência. Em 1772 o Marquez do Pombal impulsiona o progresso da Universidade. O espirito da ciência moderna penetra na velha instituição que se põe rapidamente ao par do progresso contemporaneo. Voltam os ilustres sabios de outras nações a serem chamados para ministrar o seu saber à mocidade lusa, ao lado dos mestres patricios. Coimbra, como nos tempos de seu esplendor contribui para o desenvolvimento da ciência e das letras na Europa. Houve tempo em que os mais notaveis professores das universidades europeias, vinham da Universidade de Coimbra. Nos últimos tempos, surgem, ao lado das Faculdades tradicionais, outras novas onde se ensinam as ciências naturais fisica, mathematica, filosofia da historia, etc. Novos metodos de ensino são empregados, criam-se laboratórios, instalam-se museus anatomicos, jardim botanico, etc., etc. Até os nossos dias mantem a Universidade de Coimbra a tradição de Atenas Luzitana, onde se formaram e donde saíram os homens mais notaveis em todos os campos do saber humano. Além de ser o mais importante centro de altos estudos em Portugal é um fóco de civismo e de amor a Patria, centro dinámico e propulsor das atividades de renovação intelectual e politico do paiz.

Em Castela, o Rei Afonso VIII funda a Universidade Valencia, que desaparece no fim do século.

A grande Universidade espanhola na Idade Média foi Salamanca, estabelecida pelo Rei Afonso IX em 1220, resultado das escolas monásticas de Santa Barbara, Santo Estevão, São Francisco, e uma escola episcopal de meados do século XII. O Chanceler ou mestre-escola exerce a jurisdição eclesiastica, cabendo ao Rei a sua fundação e manutenção financeira. As cadeiras são: — duas de direito civil, três de direito canonico, duas de medicina, duas de lógica, duas de gramática, uma de musica e uma de farmacia. Com a bula de Alexandre IV e a confirmação de seus privilégios por Afonso X, Salamanca atinge a plenitude de seus poderes e eclipsa as demais universidades. Leão e Castela possui uma outra Universidade, Valladolid, estabelecimento de carater municipal, submetido à jurisdição eclesiastica, cujo desenvolvimento data de 1346, quando o Papa Clemente VI lhe concede a Carta de privilégio de “*Studium generale*”.

O Reino de Aragão crea tambem a sua Universidade no século XIV: Lérida e mais tarde Huesca.

É assim que o século XIII estabelece para sempre os fundamentos da organização escolar, creando e multiplicando as universidades e aperfeçoando os seus órgãos essenciais. É nesse século que as Universidades pleiteam autonomia, obtem independencia juridica, privilégio natural das corporações e adotam métodos de ensino que serão seguidos durante vários séculos. Não têm contudo propriedades materiais e a Universidade medieval não é possuidora de prédios próprios nem tem funcionários estipendiados. Oxford foi a primeira Universidade que, em 1320, recebe dos Bispos de Worcester um prédio universitário.

Organização do Ensino no Século XIII

Embora a Universidade medieval nada possua proporciona aos seus membros os meios de subsistência, amparando os estudantes pobres. Um dos primeiros e dos mais famosos colégios do mundo foi a Sorbonne, fundada em 1257 por Roberto de Sorbon, esmoler do Rei São Luiz. Esse colégio, ricamente provido de doações em dinheiro, em livros, no fim do século XIV torna-se a séde da Universidade Teologia, dá seu nome a Faculdade de Teologia e, mais tarde, no século XIX às Faculdades de Ciências e Letras e quasi toda Universidade. Outros colégios se seguem a este mas desaparecem com a Revolução Franceza.

Na Inglaterra os colégios permaneceram sempre como centro da vida universitária, que se dispersou e se descentralizou entre eles. Aqui se deu um movimento inverso ao do continente: os colégios absorveram as universidades.

Assim as primeiras rendas da Universidade foram as de seus membros. A origem da fortuna da Universidade foi nobre, permitindo que ela desse aos estudantes pobres bolsas de estudo, interessando-se pela sua sorte. A população escolar é formada por um conglomerado heterogeneo, cléro, funcionários civis, notários, estudantes pobres, vagabundos errantes, uns elementos de pertubação, outros sérios, que atraem dominicanos, franciscanos, 'carmelitas, e dão nascimento a movimentos místicos. O ideal desses estudantes é o ideal cristão de ordem social e politica que com eles se realiza espontaneamente. Desde o século XIII ha tendencia para a especialização: a Medicina, o Direito, a Teologia, têm os seus centros tradicionais de estudo. A prática da medicina é muito vigiada, e a compreensão das necessidades sociais leva o Estado a se imiscuir nos negócios da Universidade. A cirurgia passou a ser controlada pela Faculdade de Medicina e só podia ser exercida mediante "Li-

cência operandi”. Aparece então a Faculdade como órgão do Estado e uma nova profissão invade os quadros universitários: a Cirurgia.

No Século XIV

O brilho e a prosperidade das Universidades tem como consequencia a perda de sua independencia, ameaçada pelo crescente politico dos estados. As fundações de principes substituem as associações espontaneas. No século XIV as Universidades existentes são seguidas pelas do Santo Império Romano Germanico.

O século XIV é uma nova era na vida de todas as instituições eclesiasticas, politicas ou intelectuais da Europa. Formam-se então os Estados Nacionais, desaparece o feudalismo, os soberanos querem consolidar o seu poder. Dai por diante a vida intelectual é orientada pelos principes, a Universidade não é só titulo de glória mas começa a ser considerada de utilidade para o Estado. Dai a tendência do poder politico para dominar a Universidade.

A Universidade de Praga é um exemplo. Cidade episcopal, Praga tinha as suas escolas no século XIII. Em 1347, Carlos IV fixa a sua residencia na cidade que começa a prosperar e o Papa Clemente VI cede a Universidade ao Rei, que organiza nos moldes das Universidades de Paris e de Bolonha. No século XIV a Universidade de Praga domina o Império e os paizes da Europa Oriental. É um centro de entusiasmo teológico e canonico, atraindo grande número de estudantes eslavos. Este fáto caracteriza o papel evangelizador e unificador da Universidade, fator de integração dos elementos eslavos e germanicos desse mundo heterogeneo: o Império Romano Germanico.

No Império surgem mais tarde outras fundações, como a Universidade de Viena que se eleva em 1365 à sombra da cathedral. Restaurada pelo Duque Alberto III, a institui-

ção começa a funcionar em 1385 com os seus estatutos organicos.

Na Alemanha a primeira Universidade é a obra de um príncipe, Ruprecht I, em 1386 e de seu sábio conselheiro Marcilio de Inghen. Duas outras Universidades nascem na Alemanha no mesmo século: Erfurt, 1389, futuramente um dos centros do Renascimento na Alemanha, e Colonia, antigo centro da erudição medieval, criação da burguesia, cuja bula é de 1388.

Surge o grande cismado Ocidente e divide-se o mundo intelectual. A Universidade de Paris, torna-se menos hospitaleira para os estrangeiros e os alemães começam a se dirigir para Praga e Viena. Os ingleses ficam em sua patria.

Estende-se então o movimento universitário por toda a Europa, na Hungria as Universidades de Pest e de Buda, na Polonia, Cracovia.

Cracovia periclita por um momento mas é salva pela doce rainha Edwige. Esta obtem de seu marido Wladislau auxilios e a bula de Bonifácio IX.

A vida universitária reflete então como aliás em todos os tempos, as tendencias da época. Na Inglaterra, Oxford decide abolir as nações do norte e do sul, contribuindo assim para a Unificação do paiz. No continente dá-se o contrário. Em Praga as duas nações alemãs, bavaros e saxões, e as duas nações eslavas, boemios e poloneses, entram em conflitos perpétuos. A situação se agrava com o wyclismo, doutrina de Wyclif, que prega a revolução, a anarquia religiosa, importada por Geronimo de Praga, e difundida por João Huss. A consequencia foi a guerra dos Hussitas.

João Huss escolhido para confessor da rainha da Boemia, Sofia da Baviera, era em 1409 reitor da Universidade de Praga. Como se sabe, rejeitou a autoridade do Papa, atacou os vícios do Cléro, as indulgencias, etc. Excomungado pelo Papa Alexandre V, foi declarado erético pelo concilio de Constança, recusou retratar-se e foi queimado vivo em Constança em 1415.

Desenvolve-se o Estado moderno, cresce o poder real e as Universidades vão perdendo a independência e a autonomia administrativa.

Em compensação a Universidade vai adquirir nova função: torna-se órgão da opinião pública e até o Renascimento suas funções de ordem social e política.

Fim da Idade Média

As Universidades na Idade Média formam um Estado dentro do Estado. No século XV se acentua a crescente nacionalização e as Universidades passam a ser instituições estatais. Contudo o papel político das Universidades ainda é muito importante, porem não são mais elas que ditam ao mundo as novas ideias. Tornam-se órgãos indispensáveis à vida social: presidindo à formação e à carreira dos homens destinados às profissões dirigentes da comunhão social.

Funda-se a Universidade de Leipzig, e em seguida Rostock, em 1419, com a bula do Papa Martim V. O importante é que a Universidade de Rostock já tem a sua primeira imprensa, instalada em 1476. Sua vida é acidentada, deslocando-se várias vezes para Lubeck. Dai a ideia de fundar-se uma nova Universidade em Greifswald, obra do jurisconsulto HENRIQUE RUBENOV, Ministro do Duque da Pomerania.

Wratislava, com a bula do Papa Calixto III em 1416, é a primeira Universidade prussiana.

Na Alemanha meridional funda-se a Universidade de Friburgo, em Brisgau, em 1457. Nos paizes escandinavos, no fim do século, fundam-se as Universidades de Upsala, em 1477, com bula de Xisto e Copenhague, em 1478, obra do Rei Cristiano I.

Sem duvida as Universidades possuem agora os seus fundos, suas rendas fixas, construções suntuosas. Essa prosperidade material porém levou-as a uma dependencia maior

em relação ao Estado, a que nenhuma se furtou. Paris começa a ser abandonada pelos estudantes estrangeiros e se nacionaliza. O seu valor intelectual decresce mas sua influencia passa a ser consideravel na politica franceza. O enfraquecimento do poder intelectual das Universidades tem por causas a leviandade dos alunos, a falta de livros e a negligencia dos professores.

Na França surgem: Avinhão, Cahors, que se une mais tarde a Tolosa, Grenoble, Caen Enantes, na Mormandia e Bretanha respectivamente. Caen foi uma das raras Universidades com cinco faculdades reunidas. Ainda: Poitiers, Bordels, Bourges, Valence, Orange, Perpignan e Dôle, fundada por iniciativa dos Estados de Borgonha em 1423, e, finalmente Aix-en-Provence, 1409. Estas fundações demonstram o entusiasmo da época pela instrução pública.

O conflito interior na Universidade é: pertencerá à Igreja ou ao Estado? Paris quer defender os antigos privilégios da Igreja porém sem resultado, o que prova a sua dependência em relação ao Estado.

O século XV marca pois a época do progresso material das Universidades, começando-se a dar ensino prático ao ensino das ciencias médicas, com as disseccções humanas. As Universidades exercem mesmo uma espécie de policia sanitária. Nas Ilhas Británicas, com a nacionalização da Universidade de Oxford, os estudantes irlandeses emigram em 1422. Os escoceses fundam a Universidade de Saint-Andrews em 1413.

Glasgow torna-se centro de uma Universidade em 1450, consolidada em 1572. O studium de Aberdeen teve um grande impulso graças ao Bispo Elphinstone em 1495. Foi fiel à Idade Média, incentivando o estudo da Filosofia Aristotélica, já combatida na Alemanha.

Vemos que no século XV ha número excessivo de Universidades. A despeito das circunstancias adversas, guerra, peste, nacionalização, as Universidades conseguem manter-se como centro de vida intelectual, viveiro de professoras

liberais, criando mesmo a profissão de advocacia, e são, em resumo, órgãos indispensáveis à vida social. Entretanto o seu imenso prestígio espiritual vai desaparecendo paulatinamente.

O Renascimento Italiano

No período movimentado é que se forma o mundo moderno, as Universidades são invadidas por duas correntes contrárias: conservação dos métodos e da substância do ensino medieval, de um lado; assimilação de novas disciplinas, mudança do ideal literário e filológico de outro. A mudança comporta um fenómeno especial: o humanismo, fervor literário e filológico que consagra seus esforços à restauração integral da antiguidade. A formação de eruditos e literatos substitue o esforço medieval de preparação para as profissões sociais. Desenvolve-se uma devoção pela cultura latina, sobrelevada dentro em pouco pelo helenismo. No século XV ha o contacto entre os mundos intellectuais grego e romano. Bisancia tinha escolas de altos estudos mas nunca possuiu uma Universidade no sentido tradicional e occidental do termo, uma corporação particular, uma associação de profissão, uma concepção jurídica e social. As escolas de Bisancio continuavam as da antiga Grécia. No século VII passaram a depender inteiramente do soberano; no século IX o Imperador Bardas fez a restauração dos seus estudos mas, só no século XII é que se tornaram célebres até mesmo no Ocidente. Posteriormente houve a conquista latina e sofreram também uma influencia eclesiastica. As escolas de Constantinópla conservaram até o fim o character de instituições imperiaes. Na sua forma e organização representavam um tipo de ensino imutavel desde a antiguidade e não podiam servir de modelo ao Ocidente. O que predominava no ensino era o ideal helenico. As sete artes liberais, herança da antiguidade classica, constituíam o fundamento com a grande diferença de que eram estudadas sem terem em vista a filosofia e a

teologia. Os dois mundos, Oriente e Ocidente, estavam bem separados. A filosofia contudo não era desconhecida no baixo Império. PLATÃO e ARISTÓTELES eram estudados carinhosamente. A Medicina também foi ensinada por meio dos textos gregos, como no Ocidente e o ensino do Direito se aproximava dos moldes italianos.

Antes da catastrophe final verifique-se um Renascimento artistico e intellectual em Bisancio: historiadores, escritores e misticos surgem. O baixo império desaparecerá mas o seu espirito e suas imensas riquezas intellectuais tornar-se-ão patrimonio comum da humanidade, por intermédio dos humanistas e das escolas italianas. A infiltração das influencias gregas se efetuou gradativamente até que em 1450 o humanismo grego esta completamente estabelecido na Italia. Verifica-se o estudo da literatura grega e a Italia possui uma grande quantidade de bibliotecas notaveis e de coleções de manuscritos gregos. Veneza coloca-se à frente da vida literária do Renascimento, oferecendo ao mundo edições dos classicos gregos, como as obras completas de PLATÃO, em 1513.

As Universidades italianas iniciam um movimento de restauração de que muito necessitavam. PETRARCA dizia em 1337 que Bolonha já não parecia mais ser Bolonha. Os cursos de Direito Civil, de Artes, de Medicina, diminuem cada ano de importancia. O Papa Martinho V ressuscita-lhe o Colegio Gregoriano e a provê de livros. O humanismo introduz-se em Bolonha contudo os conflitos não cessam. Graças a situação de Nicolau V dá-se a restauração da Universidade Bolonheza.

Pádua, rival de Bolonha, prospéra submissa á Republica de Veneza. Fundam-se as Universidades de Piza, Pavia e Ferrara. Piza torna-se centro do humanismo classico e atinge o seu apogeu em 1500. A historia de todas as Universidades italianas é a mesma: prosperam ou decaem segundo a sorte de suas respectivas cidades.

As Universidades italianas não são inimigas do Renascimento. O ensino do Direito não se modifica pois mantem a sua função profissional. As Faculdades de Artes porém abrem novos cursos de letras classicas e mesmo de mathematicas e de ciências. São ativas propagandistas do humanismo principalmente Piza. A Universidade de Florença é um centro maravilhoso do humanismo. Atrai os maiores literatos do tempo, como BOCÁCIO, CHRYSOLORAS, um dos primeiros eruditos gregos vindos do Oriente. Florença é a propagadora do movimento filosofico da famosa Academia Neo-Platonica. PLATÃO, desde PETRARCA, exerce grande fascinação mas Aristóteles continua a ser estudado e muitos procuram mesmo conciliar as doutrinas platonicas e aristotélicas. O movimento filosófico do Renascimento Italiano encontra seu apogeu na Academia Florentina.

Napoles decae mas Roma tem mais sorte. A cidade Eterna possuia duas Universidades. Uma era a famosa escola do sagrado palacio instituida por Inocencio IV, que subsiste até Leão X sendo então reunida à outra Universidade. A transferência dos Papas para Avinhão prejudicou-a. Em '1406 Inocencio VII ressuscitou-a. Roma ultrapassa Florença. O humanismo italiano ilumina o mundo inteiro. O humanismo se desenvolve na França, na Inglaterra e na Alemanha.

O Renascimento Francês

Na França o humanismo latino e grego favorecido pelas tendencias locais, traz magnifico estímulo às letras, testemunhado pela Universidade de Lovaina, pelos collegios parisienses e algumas Universidades provinciais. A Universidade de Lovaina descende diretamente das escolas misticas belgas de 1400, fundada em 1452 e tornou-se rapidamente o centro principal do Renascimento literário do Ocidente da Europa. Permanecendo fiel à tradição da Idade Média, mas acolhendo as inovações da nova era, ela realiza melhor

que as suas irmãs, a transição difícil entre as duas épocas. A Universidade desde logo adota os estudos literários e classicos. A partir do século XII, sábios estrangeiros começam a frequentar Lovaina; a sua grande atividade humanística se desenvolve entre 1490 e 1520, quando ERASMO, ADRIANO VI, VAN DEN DORP e outros ali fixam suas residencias. Esse conjunto de literatos revive o “Contubernium”, a camaradagem letrada que SENECA louva. Desse Contubernium, resultam os principios da reforma dos estudos das Faculdades das artes e de direito, bem como a renovação dos estudos linguísticos do latim, grego e hebreu.

Para esses estudos filológicos, era necessário novo colégio, no quadro da Universidade: o colégio das Três-Linguas, em 1517, foi grande acontecimento literário, e, a despeito de certos ataques ao ensino das línguas bíblicas por leigos, desenvolve-se rapidamente na sua vida literária e intelectual. O grande renome de Lovaina foi também devido ao desenvolvimento rápido da imprensa que se estabelece de preferencia nas cidades de estudo. Nos Países Baixos, como também na Alemanha, o fervor religioso caminha de par com o fervor intelectual e literário. Dessa aliança nascem as numerosas edições da Biblia, em alemão, frances e em flamengo. Em Paris, FICHET e HEYNLIN, doutores em teologia, abrem suas oficinas na Sorbonne em 1470, a primeira imprensa ligada, a uma universidade a serviço de seus membros. Em Toulouse, os tipógrafos encontram boas condições de trabalho, como aliás, em todas as cidades universitárias: publico assíduo e revisores instruidos entre os estudantes.

Em França o humanismo começa a se estender ao mesmo tempo que na Italia, com a influencia que PETRARCA exerceu durante a permanencia em Paris e Avinhão. Inicia-se longa série de relações franco-italianas. O entusiasmo pelos italianos e as aspirações do humanismo literário conquistam os meios intellectuais da França. Começa-se a observar a necessidade de uma critica teatral e, com o

culto da lingua aparecem as novas ideias. A filosofia de PLATÃO surge durante essas pesquisas. Margarida de Navarra, correspondente de VITTORIA COLONNA, poetisa do Renascimento, sustenta o movimento platonico, que reúne os literatos: JOAQUIM DU BELLAY e RABELAIS. O Renascimento frances tem outra característica além do humanismo: a mística. O florescimento da historia e da mística marca o inicio do trabalho intelectual e espiritual do Renascimento. A Universidade de Paris a principio não compreende o movimento, devido ao seu racionalismo rigido e a fixides de suas tradições profissionais. Logo, porém, a Faculdade de artes tem os seus eruditos e pensadores. A Faculdade de teologia é mais retardatária: sua finalidade é formar uma geração de teólogos e ela só cuida dos seus interesses profissionais.

Os colégios também oferecem certa resistencia do movimento: a Sorbonne produz descontentamento entre os humanistas, como também MONTAIGU. Outros são mais liberais: LEFÈVRE D'ETANTES, NAVARRE, LISIEUX e mesmo MONTAIGU que afinal cede. Só a Sorbonne resiste por mais tempo, pois ela sempre fôra escola de profissionais em teologia e não vê nenhuma utilidade nos estudos filológicos e literários.

Mas a nova corrente de opiniões toma vulto e as letras são bem recebidas em Caen, Bayeux, Angers, Strasbourg, Nimes, universidade esta última fundada por Margarida de Navarra. Bourges torna-se o centro do humanismo juridico e o colégio de Guienne, da filosofia.

Enfim, um dos mais luminosos berços do movimento humanistico é Lyon, que apesar de não possuir universidade, é frequentada por verdadeira multidão de poetas e sábios, e habitada por MAROT, DOLET, RABELAIS. O seu "College de la Trinité", é prova do seu zelo pela expansão das letras.

É o acontecimento universitário mais consideravel da época a fundação do Collège de France, obra de Francisco I e de seu grande conselheiro Guillaume Budé. Longe de

criar instituição rival da Universidade, Francisco I nomeia para a mesma universidade 6 professores: 3 para o hebreu, 2 para o grego e um para a matemática. Bem mais tarde, o colégio irá se separar da Universidade e, no século XVIII, adquirir seu prédio próprio. Apesar das perseguições, criam-se-lhes as cadeiras de latim, de filosofia, de astronomia, de geografia e de medicina. Desde 1550, o corpo dos “leitores reais” toma a forma de estabelecimento independente, e independente da faculdade vai seguir o seu caminho.

O Renascimento literário na Inglaterra mantém relações estreitas com o da França e dos Países Baixos. Como em toda parte, o humanismo é lá também um presente do genio italiano. Muitos ingleses vão à Italia e, de volta, trazem as novas idéias. As relações entre as universidades italianas e francesas com Oxford e Cambridge são tão frequentes em 1500 quanto dois séculos atrás. Em 1497, Erasmo se inscreve no St. Mary’s Hall, em Oxford e depois vai a Cambridge. Algumas novas corporações como o Corpus Christi College são providas de ensino linguístico organizado, enquanto que outras são mais conservadoras, como Brasenose (1509). Em Cambridge, a infiltração se dá por obra de JEAN FISHER, chanceler da Universidade, condenado à morte por Henrique VIII. O direito, a filosofia, as matematicas são reanimadas a partir de 1520. Mas essa evolução pacífica se interrompe com o cisma henriqueano. Depois do suplicio de FISHER, o numero de estudantes diminue rapidamente em Cambridge. As letras, o humanismo declina entre 1530 a 1570, enquanto na França está no apogeu, desde MAROT até MONTAIGNE, e a influencia italiana cede lugar à francesa. O século XVI é um dos que marcam o apogeu da influencia francesa na Europa.

O Renascimento Alemão

Aos países germanicos aflúem também sabios literátos portadores das novas idéias concebidas na Itália. O hom

acolhimento que eles têm nas grandes universidades, em particular nas de Basiléia, Viena e Erfurt e os grupos literários que se formam sob a sua influência, favorecem a transformação de toda a estrutura do ensino.

Um desses protagonistas do Renascimento na Alemanha foi Conrad Celtès, que ali introduziu as gramáticas latinas, gregas e hebraicas. Em pouco tempo, Celtès e outros exercem uma influência preponderante na Universidade de Viena, agrupando-se, todos os intelectuais, numa confraria danubiana (as confrarias são círculos literários comuns na época). A história, a geografia e as matemáticas são organizadas em cursos e os velhos resumos de gramática são substituídos pelos próprios textos dos autores clássicos.

A Renascença literária do norte dos Alpes cristaliza o esforço de Celtès nas cidades universitárias, onde o movimento toma uma característica nacional, a descoberta, o culto assíduo da língua e da história alemã. A cultura da música e das ciências físicas tomam impulso como também a astronomia.

Enquanto Viena influencia a extremidade oriental do território alemão, Basiléia, é o centro dos estudos no Ocidente chegando a suplantá-la sua companheira. Fundada pela iniciativa de seus próprios cidadãos, Basiléia é confirmada por Pio II e inaugurada em 1460. Em 1514, atingiu seu apogeu, lugar predileto de Erasmo. No fim do século, Basiléia já possui as cadeiras de matemática, professores de poética, ética e hebreu.

A parte sudoeste dos países germânicos desenvolve por essa época uma grande atividade e desempenha papel preponderante no desenvolvimento da cultura intelectual da época. As três cidades, Basiléia, Friburg e Strasburg estão em relação permanente, embora Strasburg ainda não tenha universidade. Os alsacianos não sentem a necessidade de ter a sua própria academia, devido à proximidade de Basiléia, Friburg e Heidelberg. Heidelberg prosperou com a cõrte instalada em sua cidade. Nessa universidade, as ciências naturais desempenham importante papel e, nos últimos

anos do século, a cadeira de hebreu recebe o grande mestre Reuchlin, filólogo e literato de grande valor. Mas é preciso notar que, nessa época, a filologia e a cultura da língua passam para segundo plano, pois as universidades se agitam numa luta filosófica, resultante da antítese realista-nominalista do século XIV. Os teólogos perdem nessa luta o melhor do seu tempo.

Durante os anos em que o movimento humanístico se desenvolve, novas universidades se fundam na Alemanha, todas imbuidas das novas idéas: Ingolstadt abre suas portas pelas mãos dos duques da Baviera em 1472, onde já aparece a dignidade do reitor das universidades contemporâneas. Ingolstadt consegue professores célebres como CELÈS, ENGEL, STABIUS; sua época mais brilhante se estende de 1492 a 1561. A teologia, o direito e a medicina são os mesmos da Idade Média. Todavia, as cadeiras de grego e de hebreu testemunham o novo espírito filológico dos dirigentes.

Em 1477, o conde Eberhard de Wurtemberg estabelece a universidade de Tübingue, onde já nasce, segundo a expressão do fundador, a idéa de “universitas scientiarum”, a nova concepção de universidade: conjunto do estudo dos conhecimentos humanos. Essa universidade tornou-se célebre pelos seus estudos literários, como também pelos de matemática, história e astronomia.

Duas outras universidades datam da mesma época: Traves e Mayence (1472 e 1477), que hoje não mais existem.

Na Alemanha central e setentrional, o centro dos estudos é Erfurt que, por intermédio de Basileia, entra em contacto com a Itália, cujas idéas são recebidas por um espírito largo e hospitaleiro. O desenvolvimento de Erfurt começa em 1502, quando MUTH se estabelece nas proximidades, por influência do qual o ecletismo néo-platônico da Itália se substitue à filosofia cristã. MUTH não é professor em Erfurt, senão conego na vizinha cidade de Gotha, onde forma um considerável círculo literário, cujos membros são

professores da universidade. É assim que se faz sentir a sua influência. A filosofia e a língua ocupam o primeiro lugar entre as outras cadeiras.

A cultura literária de Erfurt toma a forma de um ecletismo com todas suas vantagens e desvantagens. Lê-se SÊNECA e CÍCERO ao lado de SANTO TOMAZ; PLÍNIO, ao lado de GERSON e ERASMO. Com a guerra civil (1509), o número de seus alunos decresce e é sómente no curso de 1517-1521 que a universidade readquire, pela última vez, a sua antiga glória, com uma reforma dos estudos. As cadeiras de grego e latim recebem 8 professores, em contraste com as outras que não são restauradas.

Esse contraste, entre o valor das cadeiras é bem marcado na célebre questão das “Cartas dos homens obscuros”, escritas talvez por RUBEAN CROTE, HERMANN VON DER BUSSCHE e ULRICH DE HUTTEN em 1515 a favor de REUCHLIN — o defensor da cultura científica e do hebreu — condenado pelas universidades de teologia.

Sob a influencia de ERFUET, muitas universidades da Alemanha setentrional tomaram parte ativa na evolução do humanismo. A primeira entre elas foi a de Rostock, que, graças aos seus inovadores (entre eles CELTÈS), pode ocupar um lugar consideravel no humanismo alemão.

Seguem-se Wittemberg, a primeira fundação do século XVI (1502); Francfort-sur-Oder, sob os moldes de Leipzig, cujos estudantes e professores são, na maioria, dos países vizinhos. Além de outras, as disciplinas da corrente humanística ali são introduzidas. O mérito, porém, de Francfort é o de ter introduzido os estudos tradicionais num meio ainda bem rude e o de ter despertado sentimento de cultura onde se fazia necessário.

Por esse tempo (1521), os estudos humanísticos progrediam em Greifswald, escola da Pomerania.

Em 1500, já se pode notar, com grande clareza, a linha de evolução da universidade alemã: o Estado enriquecendo-se à medida que os restos da feudalidade desaparecem,

absorve as universidades. Em 1520, essa absorção se completa. A Reforma irá acentuar o ato desde já estabelecido: o fim da existencia das universidades como corporações politicas autônomas e a sua submissão aos acontecimentos, segundo a vontade de seus mestres.

A Reforma

É interessante notar, precisamente nesses anos de grande desenvolvimento do humanismo, o aparecimento das causas da decomposição das suas universidades.

Realmente, a ruina de autonomia universitária é consumada sob a Reforma, devido às tendencias nacionalistas que ela fez surgir. A soberania territorial é levada ao apogeu, por meio dessa revolta contra a unidade mundial do catolicismo. Essa soberania enfraquece a obra secular das corporações medievais. A universidade fraquece a obra secular das corporações medievais. A universidade é desde então, o órgão do Estado, do qual é também escrava. Muitas organizações caracterizam essa época, tais, como Königsberg e Marbourg, instrumentos essenciais de organização da Prússia e da Hesse, ambas destinadas, segundo a vontade de seus fundadores, a fabricar súditos fiéis e funcionários das novas administrações nacionais.

Da mesma forma, o progresso da vida intelectual esmorece: o furor anti-aristotélico de LUTERO destruirá o trabalho filosófico das universidades, em cujas salas, por mais de um século, ressoarão as áridas e belicosas disputas teológicas. Logo de inicio, ele ataca a obra tradicional das universidades, e também a filosofia de ARISTÓTELES. Suas idéas, adotadas por muitas universidades, entre as quais Wittenberg, que passa a ser considerada como a escola por excelência do protestantismo e o exemplo de seu maior sucesso.

Mas o verdadeiro mestre das escolas, aquele que tenta crear novo sistema de ensino, não é LUTERO, senão MELAN-CHTON. A concepção fundamental de CARION — MELAN-CHTON é inteiramente protestante. A mudança do ensino operada pela Reforma não é, entretanto, muito profunda, como se pode ver de uma série de documentos concernentes ao ensino em Wittemberg. Grande número desses documentos tem os indícios da dependência progressiva da Universidade ao soberano, com a perda da sua autonomia, da dignidade professoral, em paga de doações e outras riquezas. A censura é opressiva. E, em 1550, exige-se profissão de fé ao luteranismo.

O número de alunos diminue consideravelmente. Quanto à Erfurt, hesitante a principio, rende-se por fim. É também o seu declínio. Basiléia aceita a Reforma também, por vontade da municipalidade luterana. A universidade declina e em 1529 está completamente morta, reabrindo suas portas sómente em 1532.

A Reforma também cria universidades, todas elas fundadas por individuos politicos. Genebra é creada por CALVINO, cujo primeiro cuidado é o de preservar a integridade da sua doutrina teológica. Cada professor é obrigado a fazer a sua profissão de fé. O ensino praticado na Universidade é ao mesmo tempo uma educação coletiva; representa uma grande obra social. Aparecem, pois, as universidades que servem para fins politico-religiosos como Marbourg já citada. Desaparece em verdade um traço distintivo da universidade medieval: a autonomia. Wittemberg, Marbourg, já não fazem seus estatutos; eles lhe são impostos pelo poder local. Traços do absolutismo esclarecido do século XVI.

Em 1543, nasce sôbre essas mesmas bases uma das universidades mais importantes da época — Konigsberg — devido à sua importância politica. Torna-se ela o berço da austera e poderôsa burocracia da Prússia. Quanto à instrução, as condições são as mesmas que as das outras universidades.

As querelas entre as facções animadas por esse “ódio teológico reproduzem nas escolas o espetáculo dos conflitos políticos.

Iena deve seu nascimento a um desses movimentos. A sua finalidade: “conservar o verbo de Deus e a religião cristã”, segundo a “Confissão d’Augsbourg”.

No norte, os acontecimentos tomam o mesmo rumo. A Reforma triunfa em Francfort, Rostock, onde houve uma fundação Helmstadt, nos domínios dos duques BRUNSWICK — WOLFENBUTEL.

As universidades da Alemanha meridional também sofrem as influências de Lutero e os católicos tem de emigrar de Ingolstadt. Em 1540, a divisão da Alemanha entre a Igreja e o protestantismo está terminada. A Reforma é o maior inimigo do Renascimento literário.

A Contra-Reforma

A Contra-Reforma não tem o sentido que o seu nome indica. Não é reação e, sim, movimento intelectual paralelo. É, realmente, uma Reforma, não menos original e espontânea do que aquela de que se torna adversária.

No Renascimento espanhol estão as origens dessa Reforma católica como também as do estilo barroco. Essa Renascença como nos outros países, toma as formas mais variadas: o humanismo clássico, a literatura nacional, a mística, a filosofia.

As diferentes correntes do humanismo são prontamente adotadas pelas universidades, entre as quais a antiga Salamanca, que é das primeiras. Desde 1484, professores italianos ali haviam feito seus cursos; as constituições de 1561-1562 marcam o seu apogeu. É a época da aparição dos maiores humanistas, EL BROCENSE, EL PRINCIANO; do aparecimento das grandes bibliotecas humanísticas. Os seus célebres estatutos assinados por Felipe II nos mostram

o ensino favorável às novas disciplinas — o grego, o latim, o hebreu — profundamente estudados no Colégio Trilingue como também a astronomia e a anatomia. Entre 1440 e 1525, são fundados os quatro célebres colégios — “Colégios maiores” — a saber: San Bartolomé, de “l’Arzobispo”, de “Cuenca” e d’Oviedo.

Além de Salamanca, outras universidades participaram do movimento: Valença introduz a leitura pública dos poetas latinos desde 1424 e encoraja os estudos juridicos, linguisticos e filosóficos durante todo o século XV. Vivés foi a sua principal glória. Lèrida, Barcelona e Siguenza (fundada em 1485) trabalham também.

No século XVI são erigidas Santiago de Compostele em (1506), Sevilha (1510), Saragossa (1541) e Oviedo, a primeira fundação das Asturias e a última do Renascimento espanhol.

Todavia, o verdadeiro triunfo do humanismo espanhol é Alcalá, universidade célebre em toda a Europa, modelo de muitas outras instituições e teatro de novas iniciativas. Obra de um só homem, o cardeal Ximénes y Cisneros, ministro dos reis católicos (1508).

Em Alcalá se manifesta o desejo de alargar os estudos teológicos, cuja restauração marca o século XVI espanhol como uma das épocas clássicas das ciencias sagradas. É, talvez, a primeira cidade universitária que funda um colégio feminino, o de San Juan de la Penitencia. Entretanto, o seu maior colégio é o de Santo Jerome, também chamado Trilingue, com seus grandes professores, com ajuda dos quais se publicam uma biblia, uma gramática hebraica e um dicionário hebreu-caldaico. Em 1561, discipulos de Santo Innácio vão para lá evangelizar a cidade. A mística surge em Alcalá, onde Ximenes introduz grande reforma no ensino. Uma cadeira de apologética é fundada em 1560. O estudo de ARISTÓTELES retoma seus direitos. O duplo aspecto do Renascimento — o clássico e o cristão — aquí mais se evidência.

É, assim, que a obra filosófica da Idade Média se reafirma na Espanha. As novas universidades, como as antigas, empregam todos os seus esforços no serviço do pensamento religioso e político da Contra-Reforma cuja finalidade é a de conservar a unidade espiritual e intelectual do mundo cristão e colaborar com a reforma eclesiástica preconizada pelo Concílio dos Trinta.

Visa esse Concílio uma dupla reforma, claramente explicada por LAINEZ: reforma interior do homem, fortificando o seu espirito de docilidade, sem o que seria impossível a reforma coletiva; e reforma exterior, das instituições e dos quadros. Segundo esses princípios as reformas do ensino, principalmente as do ensino eclesiástico, são propostas e decretadas. Já aparecem os primeiros indícios dos futuros combates teológicos, com a resistencia de certos enviados de Lovaina (tendencias à futura heresia do jansenismo) e da Sorbonne.

A determinação mais importante do Concílio visa à criação dos seminários, imaginada pelo cardeal ingles Pole, autor provável do famoso decreto.

Sob o poderoso impulso do Concílio dos Trinta, nascem novas fundações universitárias, sobretudo nos países germanicos. O melhor exemplo dessas fundações é a de Wurtzbourg, na Baviera (Franconia), onde a Reforma protestante havia instituído uma escola protestante de nobres — Thundorf (1530). A universidade de Wurtzbourg foi obra do bispo Jules Echter de Mespelbrunn, autorizada em 1575 pelo imperador e inaugurada em 1582. Ela foi a principal fundação integral da Contra-reforma. A maior parte de seus membros eram jesuitas, que ai também fundaram um seminário. Aristóteles ocupava grande lugar na filosofia enquanto que a faculdade de teologia comportava o estudo de Santo Tomaz, uma casuística teológica moral e o estudo do hebreu.

Entre as antigas universidades do Império, muitas também desempenham grande papel na Contra-Reforma, entre as quais Lovaina, que abre caminho à teologia e erudição

cristã, ao Renascimento juridico com MUDEE. Esse juris-consulto aprofunda a teoria do direito civil, prepara os fundamentos de uma filosofia do direito e cria uma caística ilustrada por exemplos históricos.

Na Alemanha, as universidades católicas se mostram firmes defensoras dos direitos da Igreja. Ingolstadt, que condena os dogmas protestantes, participa do Concilio. Depois da chegada dos jesuitas, Ingolstadt se torna célebre.

A Baviera não se contenta com uma Universidade apenas. Em 1554, inaugura a universidade de Dillingen que subsiste até o século XVIII, e em 1585, a de Gratz, obra dos jesuitas na Stíria.

A situação de Viena é mais complicada, onde a universidade, sob as influências de Lutero, se opõe aos esforços dos jesuitas. Só depois de 1570, com a obra do chanceler Khlesl é que os jesuitas se apoderam da universidade e no século XVII conseguem o triunfo da Contra-Reforma em Viena.

Os jesuitas conquistam igualmente as outras universidades: Friburg, Trêves, Mayence, Paderbon, Munster e Osnabruck.

A única universidade, fundada e mantida sem o auxílio da Companhia nos territórios do Império é a de Salzbouurg, obra dos beneditinos.

Fóra do Império os sucessos da Contra-Reforma são ainda mais importantes. Na Polonia, sob a influência do cardeal de Hosius, o progresso do protestantismo estaciona. São creadas as universidades de Vilna, em Brabant, a de Douai que ocupa um lugar importante na história religiosa. Graças a ela e ao seu colégio ingles, a fé católica jamais desaparece da Inglaterra. Na Lorena, cria-se a de Pont-à-Mousson (1572), à qual, Lorena e Alsácia devem a conservação da fé.

Em França, os colégios criações dos jesuitas, se multiplicam, entre os quais o de Tornou. Toulouse os recebe calorosamente. No fim do século, a Companhia havia

adquirido influência profunda e duradoura no ensino médio e superior de toda a Europa.

A Contra-Reforma foi época movimentada, por vezes austera, muitas outras violenta; sempre de luta. As universidades são, nessa época, seus elementos de combate e sua depende da politica de que eram membros. Seu papel no século XVI foi, acima de tudo, politico-religioso. E seu maior trabalho consistiu na defesa da unidade do mundo católico.

Os Primórdios da Idade Científica

O ritmo de evolução, que, por força das circunstancias, desviara a atenção das universidades do ideal medieval do alto ensino e as atirara aos deveres sociais, retoma a sua primeira direção, voltando lentamente para as exigencias do saber.

Até o século XVI, o estudo da natureza dividia-se entre a faculdade de medicina e a de artes, sob o nome de “filosofia natural” Com o Renascimento, novas fontes de estudo se abrem, não só para as letras, como para às ciências. É ainda na Italia que as ciências fisicas renascem. Nas suas universidades, as cadeiras de matemáticas são ocupadas por sábios de primeira ordem. A matemática dá origem à fisica experimental e à astronomia moderna, com GALILEU, professor em Pisa (1529) e, em Padua; e com TORRICELI, em Florença (1647). Maior ainda é o merito das universidades italianas nas ciências médicas; desenvolve-se a anatomia principalmente as de Padua, Bolonha, Pisa e Roma. Os nomes dos eminentes professores BERENGÁRIO DE CARPI, COLOMBO e ESTÁQUIO tornam-se célebres na época. Padua sobrepuja as outras universidades e se torna a primeira escola de medicina de toda a Europa, glória essa devida ao seu grande VÉSALE, creador da ciência da anatomia.

A clinica médica inaugura-se na Itália, por dois professores de Padua, em 1579. A descoberta da circulação

do sangue também se deve ás escolas italianas, aos trabalhos de COLOMBO, de FABRIZIO a AQUAPENDENTE.

No norte dos Alpes, Basiléia, centro de anatomia e botânica, possui edições científicas, grandes mestres, teatro de anatomia (1588) e jardim botânico. Nos países alemães o ensino das ciências ainda não segue método científico e caminha com grande dificuldade. Na França, o Renascimento científico se faz fóra das universidades. Prefere-se a experiência à teoria o que também acontece na Europa Central e Ocidental. A razão é que essas ciências ainda não estão condensadas em sistema exceto a anatomia, que tem melhor acolhida.

As grandes descobertas marítimas realizadas no hemisfério ocidental, abrem novos horizontes, ao mesmo passo que as ciências experimentais se enriquecem. VÉSALE, COPÉRNICO e, GALILEU imprimem às universidades poderosa orientação científica.

Três anos após a conquista do México em 1525, o franciscano Zumarraga e o vice-rei Mendoza ali estabelecem uma universidade que ainda subsiste. Os espanhóis penetram também no Perú, onde é erigida a Universidade de San Marcos, que juntamente com a do México inaugura o ensino em toda a América. Essas duas Universidades podem ser consideradas espanholas, porque inspiram na Espanha. Não foram elas as únicas. Uma universidade efêmera se estabelece na Ilha de São Domingos (1538); outras são criadas no interior do Perú. No Chile, em Santiago outra se projeta em 1602 e se instala em 1740. Uma fundação se institue na Argentina em Cordoba (1613) e bom número de colégios nascem nas reduções do Paraguai. Universidade dominicana se cria em Bogotá (Colômbia, 1623), mas desaparece devido ao número pequeno de seus habitantes. Traço característico da colonização intelectual espanhola é o interesse que lhes despertam as línguas dos países conquistados onde o ensino toma, por vezes, o aspecto missionário.

O século XVI vê surgirem também duas universidades muito características que não tomam parte nas lutas da Reforma: Leyde e Edimbourg, para as quais o trabalho interior suplanta as exigências territoriais. Leyde, fundada em 1574, pelo príncipe de Orange, Guilherme, o Taciturno, a primeira universidade da Holanda, segue os moldes de Lovaina. E, como todas as universidades modernas, dependia do Estado, mas, felizmente para o desenvolvimento da sua vida interior, de Estado democrático, respeitoso da vida intelectual embora vigie o que toca à religião. Logo de início, Leyde concentra a sua atenção sobre o desenvolvimento das letras e das ciências. A história desenvolve-se grandemente com seu grande historiador JUSTO LIPSE, substituído pelo erudito JOSEPH JUSTO SCALIGER. Leyde também se preocupa com o estudo das línguas modernas e da geografia política. Quanto às ciências, matemática, a astronomia, a anatomia e a botânica são estudadas. Mas o motivo da glória da Universidade é o ensino prático da medicina — a clinica.

Muitas outras universidades são fundadas por essa época nos Países Baixos: Franeker (1585), Groningue (1614), Utrecht (1636) e Amsterdam (1631). Mas, dentre todas, Leyde é a maior, o centro intelectual da Holanda no século XVII, a qual atrai estudantes de inúmeros países, até da Rússia.

Nas Ilhas Britânicas, após as desordens de caráter político e religioso, inicia-se uma reorganização completa da instrução pública. A dissolução dos colégios monásticos e a dispersão dos seus grupos protegidos trazem novas condições em que vão prevalecer, nessas duas universidades, até os tempos modernos, uma aristocracia. Introduz-se então o espírito pedante de uma classe privilegiada, acompanhado de escassas culturas. Os colégios se enriquecem e escondem entre suas paredes luxuosas, a estagnação da vida intelectual. Os melhores espíritos começam a pregar a reforma universitária. Entre eles, LORD BACON, que dá nova

importância à filosofia e às ciências matemáticas e experimentais. Pela mesma época nascem as grandes bibliotecas universitárias, entre as quais a de THOMAS BODLEY e a de Cambridge.

Fóra da Inglaterra, também aparecem novas universidades como a de Dublin (1591). A Escóssia em nada progrediu, devido às lutas da Reforma. Em compensação, a universidade de Edimbourg traz novidades importantes. Edimbourg é obra do cléro calvinista, presbiteriano, e tem a finalidade de neutralizar a influência das antigas universidades católicas de subtrair, ao mesmo tempo, a Escóssia à influência ingleza. Depois do seu estabelecimento, livre da tutela da municipalidade, Edimbourg atinge o seu apogeu, paralelamente às universidades de Genebra e Leyde; a história de Leyde e Edimbourg se aproximam, pois orientam seus conhecimentos para as ciências naturais, no mesmo espirito de racionalismo: a corrente do século.

Outro estabelecimento de ensino análogo é a universidade de Strasbourg, filha do humanismo alsaciano (1538), obra do grande humanista STURM, protestante convicto. Mas, STURM é logo arredado e a escola é dirigida pela municipalidade, por intermédio de uma comissão. O ensino jurídico ali se desenvolve. Embora de fundo tradicional, há um curso de filosofia do direito, e, mais tarde, de direito público, direito feudal, direito canônico e, depois do tratado de Westphalia, de direito francês. No dominio das letras, o progresso é evidente. A história toma aspecto utilitário.

Depois dessa etapa de grande desenvolvimento, a universidade paralisa devido à guerra que estaciona a vida intelectual dos países alemães. Os séculos XVI e XVII são época de desagregação para o Santo Império, o que se reflete na sorte das universidades alemãs. Entretanto, surgem algumas fundações entre as quais Giessen, nascida de uma querela entre as casas de Hesse, Cassel e Darmstadt. Giessen erige-se em 16607 no interesse do Luteranismo rei-

nante, rival de Marburg, a primeira fundação de Hesse. Essa corporação eclesiástica é completamente submetida ao poder territorial, representado pelo vice-chanceler. Giesen segue o exemplo da Itália — a anatomia, a botânica e a farmácia são professoradas. Mas a guerra dos Trinta Anos sufoca a iniciativa e sómente em 1650 a universidade se reergue.

Todas as Universidades sofrem as consequências desse cataclisma: Greifswald, Praga, Fribourg, Wurtzbourg e Heidelberg onde a vida dos estudantes cai na indisciplina, na imoralidade, na embriagues, na preguiça. O sistema do “penalismo”, por parte dos alunos maiores sôbre os menores predomina, mais nas universidades protestantes, do que nas católicas. Iena torna-se conhecida como o centro das doenças morais. Os estudantes se separam e vivem isolados. Jámais as universidades alemãs restabelecem a vida de comunidade entre eles e os seus costumes bárbaros condizem com a desagregação do corpo dos professores. Consuma-se a ruína financeira das universidades, começada no século XVI, ao mesmo tempo que a guerra absorve os recursos dos principes. Extingue-se a geração dos humanistas alemães com Reinack e só resuscitará com Rostock, em 1661.

Apesar da guerra, essa época vê nascer, nas universidades ocidentais, as construções novas do direito e a ordem internacional.

Formam-se, na Itália, os elementos do direito internacional no século XIV, com o “Consulat de la mer”, que rege o comércio levantino; os teóricos humanistas italianos e espanhóis (VITÓRIA, AYALA, SUÁREZ e CAMPANELLA) contribuem para essa obra. Todavia, com o renascimento do direito romano, interpretado no seu sentido classico e histórico nas universidades da Itália, Pávia e Perugia, em primeiro lugar, um sistema de “jus gentium” pôde formar-se. É de Pávia que parte ALCIAT para a França; Perúgia envia ALBERICO GENTILI para a Inglaterra. Os discípulos de ALCIAT, CUJUS e HOTMAN fazem das universidades de Valença e de Bourges, centros de estudo de direito romano

atualizado. GENTILI torna-se professor de direito em Oxford em 1587, onde desenvolve um sistema de direito das gentes, que é para ele o direito da natureza, devendo servir de direito positivo internacional.

Todos, no entanto, são suplantados pelo grande GROTIUS, aluno da universidade de Leyde, e fundador do direito Hollandês, verdadeiro pai do direito internacional objetivo. Seu sistema do direito das gentes, baseado no direito natural, sobre o direito divino e o consentimento dos costumes e tratados positivos, é logo reconhecido como fundamento jurídico das relações entre os Estados. Leyde adota suas doutrinas, que obtêm grande sucesso na Alemanha. Institue-se uma cadeira de direito das gentes em Heidelberg, no ano de 1661, cujo primeiro titular é o ilustre PUFENDORF.

A obra de GROTIUS torna-se possível como evolução do estado territorial, da soberania territorial, condições históricas que determinam também o projeto de uma sociedade das nações soberanas, a de SULLY e de CRUCÉ fundamentadas no equilíbrio dos poderes. Da mesma origem são os tratados de Westphalia, a diplomacia moderna.

O século XIV foi a época de transição entre o regime de direito medieval, que repousava sobre uma concepção geral de equidade e não sobre um sistema de sanção, e o direito moderno, fundamentado precisamente nessas sanções, porque ele é a vontade cristalizada dos Estados. E a reorganização da Europa nesse novo sentido reorientará o movimento intelectual.

A vida Universitária no Século XVII

Marca o século XVII um dos traços da evolução filosófica do mundo ocidental: a restauração do sistema de PLATÃO, sob formas e modificações diversas, resultado de um esforço para sair da "Prisão peripatética", pois a posição de ARISTÓTELES ainda é a mesma nas universidades, principalmente em Salamanca e Coimbra. O platonismo

francês de LEFÈVRE D'ETAPLES dissemina-se pelas universidades alemãs e holandesas e ali preparam a chegada do cartesianismo.

As “Méditations de la première philosophie” e os “Principes”, obras de DESCARTES, que desencadeam a batalha filosófica aparecem em 1641 e 1644 e, depois de algumas reações, com proibições oficiais, o cartesianismo domina, penetra nas escolas que não mais resistem. Logo depois, as doutrinas de Newton e de Locke vão reinar. Os anos de 1650 a 1676 mostram os esforços dos cartesianos para elaborar sua doutrina, reconciliá-la com o peripatetismo e estende-la até à moral a teoria do conhecimento. Com essa adaptação, vencida a resistência, o cartesianismo assegura a sua existência até o aparecimento de NEWTON.

O movimento filosófico atinge os outros países do Ocidente, tendo sempre por centro a DESCARTES. Mas, atrás dele se afirma o néo-platonismo, que já aparecera na Inglaterra, com a publicação dos “Lugares Comuns”, de SHERMAN. JOHN NORRIS, de Oxford, alguns anos após, concilia as duas doutrinas e apresenta um sistema de platonismo e cartesianismo combinados. Por essa época, as duas doutrinas chegam ao termo da sua carreira. As universidades alemãs de Helmstadt, Herbon e, por fim, Leipzig, adotam o cartesianismo, como também na Holanda, onde ele contribue para o desenvolvimento da teologia protestante racionalista. A Itália dele só aproveita o sistema físico. Por esse meio, é que o mecanismo cartesiano obtem grande sucesso em Roma e Nápoles. Na França, as universidades adotam o cartesianismo muito mais tarde, embora ele já dominasse o mundo letrado, elegante e intelectual e já provocasse conflitos no mundo eclesiástico. A universidade de Paris ainda doutrinava o peripatetismo, num período de grande declínio, embora reformado por Henrique IV. E condena o cartesianismo. Seu exemplo é seguido por Angers e Caen. Sómente no século XVIII é que DESCARTES pôde entrar na Universidade de Paris. Essa oposi-

ção não se deve à filosofia ou à religião; é o jansenismo que se quer combater. O jansenismo penetrara entre os simpatizantes do cartesianismo. A verdadeira oposição vem do Estado de Luiz XIV, na sua preocupação da universidade da França ameaçada pelas discussões nascidas do jansenismo.

O “Augustinus”, obra do bispo d’Ypres, JANSENIUS, nasceu em Lovaina. Essa doutrina abre caminho ao determinismo, entrava a vontade humana, reduzindo ao mínimo os contactos entre o espírito e o corpo, o que ocasionalmente faz DESCARTES. Resulta desse último traço a aliança, nefasta para DESCARTES, entre o jansenismo e o cartesianismo. O jansenismo se infiltra na Universidade de Paris, que já possui então alguns professores jansenistas. A fonte permanente do jansenismo — Escola de Port Royal — está situada ao seu lado, com seus professores, inteligências súteis saídos do Renascimento francês e do humanismo religioso. O jansenismo é combatido pelo Estado porque vai contra a sua política de unidade geral.

Os maiores adversários do jansenistas são os jesuitas. Eles o são também do galicanismo, das supostas “libertés callicanes”. Os parlamentos são os protagonistas do galicanismo conciliário, e as universidades, creadas e vigiadas por eles, tornam-se galicanas. Por isso é que a Universidade de Paris combate com furor os jesuitas. Atrás dela está o Parlamento. Como reino de Luiz XIV, os jesuitas são admitidos, pois são aliados contra o inimigo comum: o jansenismo. O Parlamento é obrigado a esquecer o seu galicanismo e a admiti-los. Mas, depois da morte do rei, a cólera galicana se desencadeia sobre os jesuitas, cuja Companhia se suprime em França em 1762. Assim, silencia, por algum tempo, a grande obra de instrução pública e educação.

Mergulhadas nas controvérsias e batalhas religiosas e políticas, as universidades francesas não participam plenamente das diferentes fases da evolução intelectual do sé-

culo XVII. Além da filosofia, as ciências físicas haviam evoluído.

As universidades italianas, que sempre se haviam interessado por esse assunto, seguem de perto essa evolução. São os veículos mais poderosos dessa evolução as academias, entre as quais a da Lincei, de Roma, fundada em 1603 por Frederico Cesi, contando entre seus membros GALILEU, do qual pública o “saggiatori”. A academia del Cimento, de Florença, também conta entre seus membros, cientistas eminentes, como BORELLI, MALPIGHI e outros. As academias se encarregam da pesquisa livre, assim com as universidades se incumbem do ensino.

Estava a Inglaterra na mesma situação. Um agrupamento de homens forma em 1645, o que mais tarde veio a ser (1660), por privilégio real, a Royal Society, a Academia Inglesa das ciencias. A diferença essencial entre ela e as academias alemãs é o espirito empirico, baconiano. Sua fama corre a Europa. WALLIS, professor de astronomia; WILLIS, célebre anatomista e fisiológico do sistema nervoso; WARD e WREN são seus membros, como também mais tarde GODDARD, HALLEY e NEWTON. Há cooperação entre a Academia e a Universidade de Oxford e depois a de Cambridge.

A França oferece espetáculo pouco diferente, onde, como já vimos, a Universidade de Paris não pode tomar parte ativa no ensino científico. Uma reforma se impunha nos colégios e na Universidade. Richelieu empreende essa reforma na Sorbonne. Restam ainda Toulouse e Orleans, em plena decadência. Caen reduz o número de seus colégios a-fim-de consolidar os que restam.

Unica fundação dessa época: o colégio das Quatro Nações, obra do Cardeal Mazarino. Quanto à Faculdade de Direito, estava também ela em plena decomposição e sómente no reinado pessoal de Luiz XIV se verifica a sua reforma, com a introdução do direito civil romano e do direito francês, em Paris.

Dessa forma, não são as universidades que contribuem para a formação das disciplinas filosóficas e científicas na França. É ela obra dos pensadores, pesquisadores e literatos. É a Academia das Ciências, fundada em 1666 sob os auspícios de Colbert.

Não só as ciências, mas também as letras são esquecidas pelas universidades francêsas. Esse fenômeno, aliás, é geral. Nesse campo aparece uma Academia (1629): a Academia Francêsa, sob o protetorado de Richelieu, que, como a de ciências, se distingue, pelo seu espirito largo e progressista. Todas duas são cartesianas, enquanto DESCARTES ainda é combatido nas universidades. Logo depois aparecem as Academias de pintura e de escultura (1663). Com essas fundações, os trabalhos históricos e arqueológicos se oficializam. Assim, as academias da França conservam o saber científico e literário do século XVII, enquanto as universidades se debatem nas querelas politico-religiosas, visando fins profissionais mal compreendidos.

Esses movimentos religiosos, de que a França e os Países Baixos são teatro, não se confinam ali e os encontramos fóra de sua fronteira, principalmente na Alemanha. A crise religiosa na Alemanha começa com o movimento pietista, organizado em Francfort sur le Mein, pelo teólogo Spener, em 1675, que muito se aproxima do jansenismo. É uma reação contra o luteranismo ortodoxo, muito rígido, que visou à regeneração da igreja evangélica. Francke é o propagador da doutrina, servindo-se das universidades como tribuna. Funda a universidade de Halle, em 1694; o centro da nova escola de teologia evangélica. São creadas escolas normais, destinadas à preparação de mestres para o ensino elementar e secundário, fruto do checo COMENIUS e do ardor religioso de FRANCKE. Halle tem também um polo de atração fóra da universidade de teologia: as suas escolas de direito, principalmente de direito criminal.

O pietismo se liga também ao movimento evangélico da Inglaterra: o metodismo. Como aquele, êste se desen-

volveu no seio de uma universidade: Oxford, obra de um de seus membros, Wesley, que procura nela introduzir os princípios da religião pessoal, verdadeiramente evangélica, de uma devoção sincera. Mais tarde, WESLEY chega a afirmar o principio da laicidade.

A universidade mais importante da época é, sem dúvida, HALLE, que, graças a THOMASIVS, FRANKE, e às suas faculdades de teologia e direito, se torna uma das Faculdades mais modernas e das que evoluíram no sentido do novo século. CHRISTIAN WOLFF, professor a partir de 1706, representa já plenamente o pensamento empirico, racionalista e metafísico do século XVIII.

Livre pesquisa e utilitarismo

No inicio do século XVIII, realizam-se os ideais das universidades, resultado de seus esforços de 2 séculos: estão elas aptas a não mais se limitar, como antes, ao ensino e reconhecem oficialmente que a pesquisa científica e o trabalho livre e desinteressado fazem parte de sua função legitima.

A medicina científica toma parte tambem nos altos estudos do século. Aliás, os fundamentos da medicina científica se encontram no século XVI e se desenvolveram por todo o século XVII: a anatomia, a fisiologia, a clínica médica, a cirurgia, a obstétrica tomaram desenvolvimento consideravel no século XVII.

Agora, no século XVIII, são elas acolhidas por quasi todas as faculdades, embora algumas dessas escolas se mostrassem mais aptas a êsse estudo, como Leyde, a mais importante nesse sentido. Leyde conseguiu reunir todas as condições necessárias ao sucesso: as facilidades de trabalho, os métodos modernos, a variedade das disciplinas e a excellencia dos professores. Com a chegada de BOERHAAVE, o médico mais célebre do tempo, atingiu o apogeu. O ensino

de BOERHAAVE, que abrangia a fisiologia mecânica e a química de uma parte, e a patologia clinica de outra, influenciou profundamente a medicina europeia do século XVIII.

Fóra da Holanda, a medicina tambem progrediu, principalmente na Inglaterra e na Escossia. Cambridge e Oxford contribuíram para isso. Mas, as universidades escocesas suplantaram-nas, modernizando-lhe o ensino médico. A mais importante das escolas de medicina foi Edimbourg, na cidade do mesmo nome, que sofreu a influencia benéfica da universidade de Leyde. Além de Edimbourg, outra escola de medicina também influenciada por Leyde é Vienna, que depois da reforma de Van Swieten se estabeleceu solidamente, com grande reputação. Essas tres escolas, Leyde, Edimbourg, Vienna e, mais tarde, Gottingue, dominaram as outras no estudo da medicina.

Durante todo o século XVII, fixam-se os estudos médicos com o seu ensino reformado. Com ALBERT DE HALLE, aluno de BOERHAAVE, cria-se a clinica e já se esboça o quadro da medicina universitária moderna, com seu duplo aspecto: teórico e doutrinário: prático e utilitário: Entre 1700 e 1750, nasce a faculdade de medicina dos tempos modernos. Na França e Inglaterra, as ciencias são representadas pela Academie Royale e pela Royal Society, respectivamente. A Alemanha, retardada devido à guerra dos 30 anos, pela Academia Prussiana, obra de LEIBNIZ (1711). A Academia deve ser, segundo LEIBNIZ, instituição de livres pesquisas, como tambem de utilidade imediata, e, além disso, segundo o espirito burocrata prussiano deve assumir as tarefas administrativas.

A fundação da Academia Prussiana inaugura época de outras sociedades desse genero: a "Sociedade de Gottingue; a Sociedade Real de Ciencias de Upsal, a Academia de Petersbourg e outras.

O que distingue essas Academias das do século precedente é o contacto mais estreito entre elas e o ensino. Essa aproximação entre a criação e a difusão do saber é traço novo e caracteristico do século XVIII.

Mais fielmente que as demais, a Universidade de Gottingue representa o título moderno das instituições de ensino superior, porque ela foi fundada especialmente para acolher as novas ciências e para reanimar o ensino, aliando-o às livres pesquisas. O seu verdadeiro fundador, o Barão Munchhausen, tudo faz para atrair os estudantes, e vencer os obstáculos. Uma vez obtidos os privilégios reais, a Universidade abre definitivamente as suas portas em 1737.

A concepção da nova Universidade evidencia as aspirações e os métodos da época que a creou. Está ela submetida ao Estado e a época do despotismo. A função oficial da escola é o ensino, o ensino moderno e prático; é a época do utilitarismo. É considerada livre pesquisa como trabalho distinto, uma função a preencher; o desenvolvimento das sociedades ilustradas corresponde precisamente a esta concepção. É nessas sociedades que a opinião acadêmica vê o centro dos trabalhos desinteressados, cabendo-lhe, à Universidade a tarefa de ministrar os conhecimentos. Lolo, Goettingue funda quatro faculdades; de teologia, de direito, (principalmente o direito nacional ali se desenvolve), de filosofia e de medicina.

Principalmente na Faculdade de Medicina ha radical modificação do ensino tradicional. Cinco cadeiras; — anatomia, botânica, química, medicina teórica e prática — são criadas, para as quais, não faltam os instrumentos de trabalho. Além de outras, a sua maior glória é a bibliotéca, uma das primeiras da Alemanha e das mais importantes do século, oferecendo imagem perfeita da vida intelectual da época. No conjunto de seus esforços, salienta-se o de ter estabelecido a harmonia entre o trabalho da Universidade e as exigências sociais, ao mesmo passo que demonstra o socorro mútuo que se pode dar à livre pesquisa científica e o ensino superior; desse apôio, já entrevisto mas ainda não completamente compreendido, vai nascer a verdadeira universidade moderna.

Enciclopédia

Embora o século XVIII inaugure a pesquisa científica nas universidades, o espirito prático e utilitário ainda domina. Será necessário o trabalho de 3 gerações para convence-las da legitimidade e da grandeza imanente dos mais humildes trabalhos de pesquisa. As idéias da Enciclopédia, a Aufkalarung se fazem sentir em todas as obras de educação e de instrução pública e dão às instituições do século XVIII uma fisionomia particular. O racionalismo, o utilitarismo, a elaboração das leis da natureza e da sociedade, a tendência exagerada ao poder da crença, o culto ao progresso humano predominam nas universidades.

Com NEWTON e LOCKE, inicia-se o século chamado das luzes, um dominando a ciência; outro, a moral e a psicologia. NEWTON, membro do Trinity College e professor em Cambridge, assegura à Inglaterra a sua influencia científica proeminente, como Descartes o fizera na França no século XVII. O nutonismo domina a Inglaterra e com isso as ciencias, se desenvolvem espantosamente (a trigonometria, a álgebra, a mecânica, a ótica, a astronomia, etc.), principalmente em Cambridge. A fisica experimental retardou um pouco seus cursos se inauguram em 1729, sob o nome de "filosofia natural".

Na Escossia, igualmente, o progresso foi grande: a universidade de Edimbourg torna obrigatório os cursos de matemática, entre os quais os de Colin M'Laurin são baseados nos principios de NEWTON. As outras universidades escocesas se apressam em seguir esse exemplo.

O paiz mais adiantado no assunto é a Holanda. Leyde possúe o seu observatório desde 1796. É sabido que a Holanda foi, nesses séculos, XVII e XVIII, o país dos grandes fabricantes de instrumentos científicos e a pátria do microscópio. Leyde dá mais valor aos trabalhos experimentais do que aos teóricos. J. S'GRAVESANDE, discipulo de NEWTON,

foi o primeiro a ensinar os principios newtonianos numa universidade continental, vencendo a resistencia cartesiana que se manifestara.

Esse aspecto empirico do espirito, um dos principais traços da idade da Enciclopédia, manifesta-se tambem na Alemanha, país especulativo por excelência. HALLER, de volta da Inglaterra, applica essas idéias a Gottingue. Na Suécia, o astrônomo CELSIUS cria o observatório de Upsal. A Academia de São Petersbourg e a Universidade de Moscou (fundada pela imperatriz Elisabeth, em 1755) preconizam o ensino das ciencias matemáticas.

Pouco a pouco, o movimento científico e experimental atinge todos os paizes: a criação de novas cadeiras em Coimbra, depois das reformas de Pombal (1772-1777), marca o fim dessa expansão.

A França atrasou-se no movimento, devido à especulação cartesiana que dominava todos os espiritos. Se os meios científicos se atrazaram, o ensino foi ainda mais retardatório. Não sómente elle resistia à nova filosofia matemática, como ao próprio DESCARTES ainda não se mostrava hospitaleiro. D'ALEMBERT queixa-se na falta de um sistema de ensino científico nas universidades. Sómente em 1752 é que, na Academia de Ciencias, se institue uma cadeira de fisica experimental. Outras universidades lhe seguem o exemplo, e logo após Strasbourg tambem cria a sua. Com isso, as experiências científicas estão em moda e muitos mundanos lhes frequentam os cursos.

Quanto às applicações técnicas, só Montpellier lhes compreende o valor. A química inicia-se cientificamente no fim do século, sendo que, antes dela, a fisica experimental e, principalmente, a fisica matemática, dominavam os espiritos. A botanica e a história natural continuaram o seu desenvolvimento iniciado no século precedente, maximo em Leyde, onde as companhias holandesas das Indias lhe auxiliaram o ensino. A anatomia prosseguiu na sua marcha. O principio experimental, fortificado por observações clinicas, se generaliza nas ciencias médicas e biológicas.

“LOCKE creou a Metafísica, mais ou menos como NEWTON creara a Física” (D’ALEMBERT). Foi o empirismo o fundamento da sua filosofia. O materialismo, com LOCKE, invade os salões literários e científicos. Resiste a universidade a LOCKE, como resistira a NEWTON. A Sorbonne, mais que as outras, censura o empirismo em todas as suas manifestações.

Se a “filosofia racional” foi combatida, o mesmo não aconteceu às letras. A universidade abriu as portas às linguas modernas: Erlangen, Gottingue, Oxford e Cambridge ensinam o frances, o alemão, e, em meio a isso, a literatura nacional adquire seus direitos.

A história também começa a tomar forma no ensino superior, na Alemanha e na Itália principalmente. As Universidades inglesas lhes seguem o exemplo, mas na França os estudos históricos ficam fóra do ensino público, como acontecera aos estudos científicos.

* * *

Entretanto, faz-se cada vez mais profundo o abismo entre as universidades e a sociedade a que pertencem. É esse abismo que a Revolução tentará preencher. Cumpre notar que as universidades ainda são organismos indispensáveis à sociedade, e por isso, o Estado vai tentar assimilá-las. Como sabemos, os colégios (representantes do ensino secundário) preparavam os alunos para os estudos superiores. É nesses colégios e nas Faculdades (a influencia do meio e da educação se faz sentir no individuo, segundo LOCKE) que o espírito de corpo, a consciência coletiva nasce. É aí que a Revolução vai propagar-se. O ensino diminúe a intensidade, assim nos colégios, como nas universidades. Com a supressão dos jesuitas na França, a questão religiosa entra mais uma vez na politica universitária. Faz-se mistér uma grande reforma.

Na Europa Central, o Estado quer assimilar o ensino. Para isso, usa de sua influência, agora mais esclarecida, o que prova o apôio que dá às três novas profissões, filhas do século XVIII: de engenheiro, de economista e de diplomata.

Por esta época, véspera da Revolução, a nova tendencia é a da “estatização” do ensino, da abolição do monopólio da instrução, para a maior harmonia entre o ensino e a opinião pública. É preciso preencher o abismo que ha entre a universidade e a sociedade. Será essa uma das finalidades da Revolução.

* * *

As universidades francesas já não mais desempenham as funções sociais de outrora, devido à falta de concepções sistemáticas de ensino e de leis apropriadas à época. Desejava-se um sistema de educação nacional, para o que uma reforma universitária se fazia obrigatória. Mas isso não se deu. Prívdas de concepções exatas de reforma, a Constituinte e a Legislativa começam por destruir o que já existe elaborado, com os seus decretos deploráveis como por exemplo a abolição das corporações seculares. O pessoal de ensino se dispersa e os alunos se entregam à ociosidade. A idéia fundamental da época é a uniformidade do sistema de educação para toda a França. Os projetos se apresentam em abundancia, mas nenhum é realizado. A Convenção ataca primeiro as academias, fundadas pelos reis. Os bens dos colégios se vendem como bens nacionais. Um decreto apresentado por Lakanal, que dispõe que “os colégios em pleno exercício e as faculdades de teologia, de medicina, de artes e de direito são suprimidos em toda a provincia” — é aprovado sem discussão. Embora derogado, êsse decreto deixou traços de sua vigência. As antigas universidades já não mais existem. Nova era nasce depois de 9 do Thermidor. Com o desaparecimento das universi-

dades, grande vácuo se faz na história intelectual da França. Depois de desvanecido o pesadelo, êsse vácuo se preencherá ainda uma vez.

Revolução e Restauração Imperial

O esforço da Convenção, relativamente ao ensino, se orienta no sentido de uma adaptação brusca das antigas instituições a uma sociedade radicalmente refundida. Depois da era thermidoriana, a criação de um ról de novos estabelecimentos reflete o desejo jacobino de unificação e centralização, realizando as ideias nacionalistas e utilitárias glorificadas pela Revolução e adotadas pelo Império.

O ensino superior, sob a Convenção e o Diretório, aborda os problemas de instrução pública, cujo Comité é incumbido da reorganização da instrução. A lei de Lakanal, suprimindo o que restava, obrigou a introdução do sistema de escolas centrais, com ensino secundário e superior. Mas, a pretensão dessas escolas-externatos não dá bom resultado, pois, elas não podem preencher as funções do alto estudo, que já não existe. Há completa incoerência nos estudos, na divisão e distribuição das cadeiras. O ardor da empresa é grande; as disciplinas se multiplicam, mas a presença dessas escolas é negativa, impedindo a formação de uma geração apta aos verdadeiros altos estudos. O Instituto é fundado exclusivamente para o ensino superior, enquanto o Colégio Real milagrosamente subsiste, embora mal visto durante o Terror.

Quanto às Academias, desapareceram, executadas pela Convenção. Agora, são ressuscitadas ainda pela Convenção, constituídas em Institutos que comportam 3 classes. Esse Instituto se destina ao ensino superior, mas, malgrado a vontade da Convenção e do Diretório, êle guarda o seu patrimonio, isto é, o patrimonio das Academias, e contribue para o progresso das ciencias, nada, no entanto, em favor de ensino superior agonizante.

Tambem se preocupa a Convenção com a medicina. Em lugar das antigas universidades, instala as “escólas de saúde”, e assim desloca a união preciosa da medicina, com as outras ciências, rebaixando esta disciplina científica ao nível de simples officio mecânico. O seu único mérito foi o de por fim à rivalidade existente entre o professor médico e o cirurgião; médicos e cirurgiões formam agora um só corpo. Serviços auxiliares são organizados: os laboratórios, a clínica, as bibliotecas. O “Charite” (fundado em 1608, por Marguerite de Valois) é destinado à clinica. Mas esses estabelecimentos são insuficientes e é necessário voltar às concepções orgânicas de pré-revolução.

Quanto à historia natural, a primeira escola a aparecer foi o Museu, sucessor do Jardim do rei. Graças ao nome de BUFFON, a escola de biologia se desenvolve admiravelmente. Mais feliz ainda foi o estabelecimento da Escola de Politécnica. Destinada, a principio, às ciências applicadas, não tardou a ceder lugar às ciências puras.

No domínio das letras e das artes, a Convenção foi menos feliz. Não se fez mais que manter a Escola Real de canto e declamação, sob o nome de Conservatório, sendo de notar que os múltiplos ensinos do Colégio de França nada têm de original. A Escola Normal, espécie de universidade popular, aberta no primeiro pluvioso, ano III, fracassa completamente, com seus cursos disparatados, sem ligação entre eles. Devido a isso, nasce o desejo de rever as antigas faculdades e colégios desaparecidos. Danou sugere a criação de “liceus” de verdadeiro ensino superior.

A tendência de todo o século XVIII fôra da assimilação, pelo Estado, das Universidades. É o que a Convenção tenta fazer mas não consegue. Cheia de rancores e preconceitos, ela destroi o alto ensino e não consegue substituí-lo. A sociedade está modificada e a readaptação da universidade à opinião pública torna-se extremamente difficil. Será a obra do Consulado e do Império.

A Revolução produzira, como é natural, mutação completa na estrutura da sociedade (mutação de ordem, não só social, com economica e politica). É esse fenomeno que determinará a formação da nova vida social e intellectual, como também os problemas do ensino durante todo o século XIX.

Enquanto na Inglaterra o efeito direto da Revolução fôra reduzido, na Alemanha a situação é bem diversa. O representante da doutrina filosófica revolucionária alemã é KANT, que proclama o poder da Razão, tornando-se o protagonista da ideologia revolucionária e um dos pais do liberalismo. O ensino de KANT penetra em todas as universidades e seus próprios adversários filosóficos se influenciam pela doutrina. As agitações dos meios estudantinos são prontamente combatidas, com a extinção dos seus clubes, com uma censura rigorosa. Só a partir de 1797, é que a reação diminue e a vida intellectual floresce, principalmente em Landshut (para onde se transferira Inglistadt) e em Saxe-Weimar, onde a pleiade de GOETHE brilha. Aproxima-se o novo século e se realiza a transição das fórmulas rígidas do século XVIII para a liberdade do XIX.

Na Italia, o racionalismo também impera e, embora a vida academica esteja pouco ativa, o pensamento politico é enunciado do alto das cátedras, principalmente com FILANGIERI, que prepara a chegada das ideias revolucionárias. Mas com a chegada da Revolução na França a sua ação é paralizada nas universidades pela censura, que impede qualquer manifestação. A maior parte das universidades são fechadas, os cursos suspensos e a vida normal só se reiniciará com a Restauração.

Na Espanha, o nivel das universidades está muito baixo. Essa, uma das razões pelas quais as universidades saudaram, com entusiasmo, as ideias vindas de França. A reação produzida ali também se fez sentir por parte do governo.

Nos outros países submetidos à administração da França, como nos Países Baixos, a influência da Revolução foi mais direta e as universidades, como Lovaina participaram da sorte das suas irmãs francesas.

* * *

A França está, como já dissemos, numa situação difficilima. A instrução pública, no seu mais baixo nivel. Todos sentem a necessidade da reorganização, sob os moldes antigos, respeitando-se, contudo, a mais importante conquista da revolução: o principio da educação nacional. Bonaparte toma êsse encargo. JEAN ANTOINE CHAPTAL, ANTOINE-FRANÇOIS DE FOURCROY e o conde ROEDERER foram os artistas que elaboraram o novo sistema. É a educação ou formação que domina todo o sistema napoleônico de instrução pública. Será a tarefa dos liceus, sob a orientação de CHAPTAL e FOURCROY, os executores das ordens de Napoleão. Depois do liceu, aparece a escola profissional, ministrando os conhecimentos necessários aos diversos officios.

A instrução é, pois, especializada, e quando quer abran-ger o alto ensino, o Estado não o permite. Não ha ligação entre as disciplinas, mas em compensação, êsse élo existe entre elas e o Estado.

Restaura-se a medicina no 19 ventoso, do ano XI, com o alargamento dos estudos de medicina e de farmácia.

Também abolido, o Direito reclama reforma ainda mais radicais; aparecem estabelecimentos de ensino livre, assim como universidades de jurisprudência. O coroamento da obra se faz com a criação da Universidade Imperial (lei de 10 de Maio de 1806).

A palavra Universidade toma agora um sentido novo: ela designa a instituição à qual esta reservado o monopólio da instrução pública. É corporação creada e mantida pelo

Estado; é instrumento de politica, de poder, de regime. Todo o seu pessoal é vigiado, desde o seu grande mestre e os reitores, até os subalternos. Todo o mecanismo da instrução pública é dividido em certo número de circunscrições designadas pelo nome de Academias. Conserva o Imperador as universidades de alto ensino do Império, fóra da França, como Turim, Genova, Párma, Pisa, etc.

Continua o Colégio de França invicto, nos seus altos estudos e só ele escapa ao utilitarismo destruidor de Napoleão. O Instituto desenvolve-se e passa a instalar-se no Colégio Mazarin. Napoleão realiza, pois, o ideal jacobino, resultado das ideias do século XVIII. Reclamavam elas uma educação nacional e, a têm, em toda a sua força, na Universidade imperial. As ciencias foram desagregadas, atomizadas, sempre com proveito da preparação profissional. Mas, por outro lado, a Universidade realizou a unidade no ensino e, o que é mais importante, provou que o ensino superior não deve ser jamais considerado como fonte de poder.

Movimentos Politicos nos Primordios no Século XIX

Os serviços prestados por Napoleão à instrução pública, por sua legislação, influencia grandemente os outros países europeus. É assim que aparecem as universidades de Berlim, Breslau e Bonn. A universidade de Berlim, em particular, provida largamente de todas as atribuições das universidades modernas consagra às pesquisas e investigações científicas, torna-se o modelo da Universidade alemã do século XIX, esplendida e orgulhosa construção, onde a antiga independencia autonoma, e a sujeição ao Estado, se mantem num curioso equilibrio. É dominada por uma profunda e sincera admiração pela ciencia e pela especulação. A sua criação se impõe depois do ano fatidico de 1806, quando o Estado é desprovido de toda a sua armadura

intelectual. Com a fundação da nova universidade, dela se forma uma nova concepção do ensino superior, contra a ideologia empirica do século anterior. Berlim, segundo Beyne, seu fundador, deve ser a primeira universidade creada sôbre o principio das pesquisas, do trabalho científico desinteressado. Da massa informe da especulação, surge idealismo e da decomposição politica, uma consciencia nacional. Filosofia e politica, idealismo e nacionalismo importalizam a nova instituição. Com a grande figura de Guilherme de Humboldt, do ministério do Interior a universidade conquista a liberdade de ensino. Aparece então a Academia, aliada à universidade. Esta se ocupa da parte do ensino, e aquela das pesquisas, indiferente ao mundo exterior. A universidade de Berlim torna-se arma do Estado para a hegemonia intelectual e moral da Alemanha, contribuindo para a formação a nação alemã. Quando Humboldt é substituído por Schuckmann, os cursos se abrem. As 4 faculdades possuem grandes nomes entre os professores. A Faculdade de medicina conta os de HUFELAND e REIL; a de Direito é dominada por dois mestres: SAVIGNY, historiador do direito romano; e EICHORN, historiador do direito e das instituições alemãs; procuram eles, antes de tudo, afastar do estudo a parte tecnológica, comercial, e restringir o ensino à teoria e às ciências politicas. Esse espirito de desprendimento, essa reação contra o utilitarismo se evidencia ainda mais na organização da Faculdade de Filosofia; a filosofia domina, com FICHTE, secundado por SCHLEIRMACHER, na Faculdade de Teologia. Assim, a Universidade de Berlim inaugura nova era na historia das universidades.

* * *

Com a criação dessa nova universidade, as outras se eclipsam. Francfort sôbre Oder se transfere para Breslan, mais afastada de Berlim. Mas é preciso conserva-las, pois, muitas já haviam desaparecido na Alemanha do Norte

(Paderborn, Fula e Munster). Com os elementos de Francfort, funda-se a nova universidade de Breslau em 1811. A sua grande característica é a igualdade religiosa. Pela primeira vez se vê uma universidade alemã com duas faculdades de teologia, uma católica, outra protestante, representantes das duas grandes religiões da Alemanha.

É de Breslau que, em 1813, parte o grito de revolta contra a sujeição da Prússia. Berlim torna-se a sua aliada. Em 1815, repete-se o fenomeno. Formam-se os Freikorps. Com essas guerras sucessivas, a Prússia ganha mais territórios. Com isso as universidades estendem seu campo de ação. Halle lhe é devolvida, depois Wittemberg e Göttingue, e, finalmente, a Prússia erige nova universidade: a de Bonn, estabelecida em 1818, pelo Barão Altenstein. A intenção do governo prussiano, relativamente a nova universidade, é assegurar a dependencia das provincias occidentais em relação ao Estado da Prússia. Ali tambem é introduzida a paridade das religiões, afim de facilitar a assimilação de católicos e protestantes. Todas essas universidades alemãs tem, como maior mérito, o papel que desempenham pró-universalidade e indivisibilidade do saber, contra a idéias das escolas profissionais, que ainda subsistem como lembrança da experiencia revolucionária napoleônica.

* * *

A influencia da Alemanha e da França se faz sentir dirétamente no ensino da Russia, onde a revolução intellectual apenas começa a desenvolver-se.

Em fins do século XVIII, a Rússia possuía duas universidades: a antiga universidade polonesa de Vilna e a de Moscou. Esta última surgiu em 1802 e Alexandre I a tornou estabelecimento do Estado. Um ministério de Instrução Pública creou-se. Com FRÉDÉRIC KLINGER, escritor e poeta, a universidade atinge o apogeu.

O caráter alemão da universidade conserva-se por largo tempo. Embora se ensine a lingua russa, o alemão predomina ali, em muitos cursos. O ensino é moderno; não só as disciplinas utilitárias são representadas, mas também outras, com a estética (que surgira em principios do século XIX) que mostra bem a influência alemã.

Logo depois, o governo imperial procede a outras fundações: Kasan, Kharkov (1805) e São Petersburgo (1819). Desde então, o ensino superior da Russia é exclusivamente obra do Estado.

Nos países vizinhos, também foram feitos esforços para a introdução e desenvolvimento do ensino superior, respeitando-se a língua e a civilização desses países. Para a Finlândia, a Universidade de Helsingfors é inaugurada em 1827. Para a Polónia, a de Varsovia, em 1816.

Entretanto, esse esplendor durou pouco. Com as idéias românticas e liberais de NICOLAS TURGÉN'EV, recémvido de Gottingue, as universidades passam para a opposição. O príncipe Lieven trabalha contra a universidade de Dorpat, que persiste até 1865. As universidades passam a ser consideradas centros de doenças sociais.

O Estado prossegue seu caminho com seus aliados e não procura atrair para si a força social e politica que reside nas grande escolas. Durante a primeira metade do século, são elas e não o Estado que esclarecem e formam a opinião pública.

O Romantismo nas Escolas

A Universidade alemã dá nascimento a novos sistemas filosóficos e a novos movimentos literários, que alimentam a vida intelectual desse grande país. O romantismo deve ter um sentido muito mais amplo, do que habitualmente se lhe atribue. Como o barroco, ele é a realização das tendencias de toda uma sociedade; exprime suas aspirações

políticas, religiosas, artísticas e científicas. Além disso, há, por exemplo, na França, um romantismo puramente literário, que influencia sobretudo as academias e universidades.

Em 1789, com SCHILLER, nasce o romantismo doutrinal. Domina em primeiro lugar a filosofia, e, com ela, as correntes religiosas. O racionalismo é vivamente combatido com ADAM MULLER, JOSÉPH DE MAISTRE e outros. A filosofia romântica atinge seu apogeu no tempo de SCHELLING, com a sua famosa “Filosofia natural”, impregnada de caráter místico. A história é também influenciada por SCHELLING, SCHILLER e HEGEL e passa a ser considerada como “um poema da razão divina”. A medicina romântica sob as inovações de GALL, se entrega a processos fantasistas e à especulação desordenada. Em 1830, SCHELLING é suplantado pela doutrina de HEGEL, seu discípulo, professor em Berlim. Sem ser romântico emotivo como seu mestre sua dialética se presta ao ideal romântico.

As Faculdades de Teologias são teatro de lutas graves contra o racionalismo. Mas não são os movimentos filosóficos que atraem o interesse para as universidades; é a sua ação política contra o absolutismo e a favor da aproximação da Nação do Estado. Pela primeira vez na história moderna as universidades fazem parte integrante da sociedade que é guiada por elas. Deve-se isso em grande parte ao ardor da juventude de após guerra, reunida em torno da nova instituição, a Burschenschaft, (sociedade secreta nascida em Lena, que se preocupa sobretudo com a unidade alemã. Entretanto, essa mocidade não é revolucionária; todavia, sente-se dominada pelo sentimento nacional, nascido do sentimento de reação contra a conquista napoleônica. Faz-se um movimento contra êsse “fermento revolucionário”, com Metternich, e, com isso, cessa a liberdade do ensino, o que provoca a indignação de toda a Europa.

As universidades se defendem honrosamente, no entanto, seus protestos não se ouvem e sua resistencia enfraquece. Mas, apesar de tudo, os estudantes guardam a honrosa tradição do interesse e entusiasmo pela politica. O estado de Hanover também entra no movimento, e depois de uma revolução (da qual participam alunos e professores), a universidade de Gottingue é fechada; Sete professores, homens célebres, protestam e são demitidos, mas só com a morte de Frederich-Guillaume III, e de seu ministro Altenstein em 1840, a liberdade de ensino é mais respeitada. Na Baviera, sob o reinado de Luiz I, liberal e romântico, a evolução das universidades foi mais regular, em que a figura de Görres brilha na universidade de Munich. A Baviera torna-se o refúgio do romantismo.

* * *

Na França, o ensino centralizado e monopolizado revolta os espiritos. Guizot e outros reagem, afim de libertar o ensino, conservando apenas o princípio do ensino nacional. Conseguem a supressão da universidade imperial e a transformação das 17 “Academias” de Napoleão em universidades particulares. Todavia, o governo adota a politica de Napoleão, e, sob pretexto futil, se apossa novamente da Universidade e o princípio do monopólio é readmitido. Forma-se também na França as sociedades secretas, onde a juventude entusiásticas recebe as ideias alemãs. “Le Génie du Christianisme” (1802) inicia o movimento da resistencia. Nasce duas escolas do pensamento: o ultramontanismo, contra o galicanismo e o liberalismo, que exige abolição do monopólio. O seu triunfo se faz sentir com o enfraquecimento do monopólio. Esse acontecimento repercute em toda a Europa, pois ele inaugura nova era: a era do liberalismo politico. A sua primeira consequencia é a independencia da Bélgica, onde a luta pela liberdade do ensino fortifica a solidariedade nacional.

Na França, já não é CHATEAUBRIAND que domina. O romantismo entra em nova fase com LAMARTINE, MICHELET, MERIMÉE e VICTOR HUGO. É agora profundamente liberal, nacional. Quanto a política a liberdade domina. O ideal político anima os estudos literários e históricos. Com a monarquia de Luiz Felipe, triunfam as idéias liberais e se iniciam os debates sôbre a razão de ser da universidade. Reaparecem os mesmos desejos de descentralização manifestados em 1815.

As considerações politicas abafam o movimento. Mas, a partir de 1840, recomeça a batalha contra a obstinação do Estado, a-fim-de lhe arrancar a liberdade do ensino, sempre prometida e jámais concedida. Apesar de tudo, o monopólio subsiste impedindo sériamente a evolução de um ensino superior ígual ao da Alemanha. O ensino superior é obrigado a descer ao nivel do secundário, a se conformar com a doutrina do Estado, a doutrina do indiferentismo. Este estado de coisas encoraja nova reacção para o futuro.

* * *

Na Inglaterra, como em toda a Europa, os conservadores dominam. A situação é agravada pela rápida industrialização do paiz, acompanhada de múltiplas perturbações sociais. Outro fator resultante da consolidação do Estado foi a tirania sôbre o povo da Irlanda e o seu empobrecimento. Daí a sua resistência religiosa e nacional, fáto êsse que precipita os acontecimentos que desempenham grande papel na vida das universidades inglesas.

A emancipação dos católicos se preparava desde alguns anos; êsse movimento, entretanto, se realizava independentemente na Inglaterra e na Irlanda. Era a reacção contra a legislação tiranica, que datava de 1688, a época de Elisabeth. As grandes universidades são interdidadas os católicos. Para elas, o grande principio: “a religião é a base

da educação”. Elas desfavorecem até mesmo os protestantes não anglicanos.

Precisamente para mudar essa concepção rígida das antigas universidades, baseadas num ideal de ensino secundário é que a Universidade de Londres foi criada por THOMAS CAMPEELL, BENTHAM e RUSSEL. Oxford e Cambridge se opõem a que a universidade se constitua por carta real. Mas, importantes transformações se operam em Oxford e Cambridge, onde, entre 1800 e 1830, a disciplina e a qualidade do estudo melhoram consideravelmente. O “movimento de Oxford” traz grandes consequências, com a entrada de NEWMANN no Oriel College. Um grupo de jovens se forma ao seu lado. Esse grupo se dispõe a trabalhar em prol de uma grande reforma da Igreja, reafirmando-lhe o antigo aspecto apóstolico. Um serão de KEBLE inicia o movimento. Depois, vêm os tratados apresentando a situação e o remédio para salvar o mal. NEWMANN é romântico, como seus amigos e inimigo do protestantismo, como todo bom anglicano. Declarando que os 39 artigos da Igreja da Inglaterra não se opõem ao dogma de Roma, é o iniciador do movimento anglo-católico, segundo a qual o anglicanismo é um dos ramos do catolicismo, esse caminho leva, por uma lógica inexorável, ao catolicismo. Esse episódio do romantismo modifica profundamente a situação da Igreja católica na Grã-Bretanha.

* * *

Na Alemanha, França e Inglaterra, o movimento romântico alia-se às vezes ao conservadorismo, às vezes ao liberalismo político enquanto na Itália e Espanha êle se liga intimamente ao liberalismo político. Dessa forma, os estudantes de Alcalá, Salamanca e Valladolid pegam em armas contra Napoleão. Saragossa combate em seus próprios muros contra o imperador.

As universidades espanholas estão nessa época muito atrasadas e necessitam de reformas, que, aliás, foram feitas, calcadas sôbre o princípio do estatismo. Assim, é projetada a fundação de uma grande universidade central — a universidade de Madrid, o que se dá no interregno do liberalismo. Esta criação se acompanha de uma reforma geral, na qual se inclúe a transformação das universidades sul americanas de Lima, Mexico, Santa Fé e Bogotá em universidades centrais do governo espanhol de além-mar. As universidades de Alcalá é absorvida pela de Madrid. Nesse mesmo ano, muitos colégios se fecham, pois não pôdem mais se adaptar ao governo do Estado.

Com a regência de Maria Cristina, o liberalismo oficial se manifesta pela fundação de uma Escóla Normal; pela modernização das faculdades de Direito, enfim, por um Renascimento dos estudos, resultado da liberdade de ensino, que volta a reinar.

Na Itália, como na Espanha, as idéias liberais da França influenciam os intelectuais e a mocidade entusiasta, dominada pelo principio revolucionário da liberdade, sonha com a unidade do país. Com Mazzini e Gioberti, precursor de Cavour torna-se a Italia o país clássico do romantismo político. Os patriotas liberais penetram na atmosfera científica e organizam congressos científicos, o primeiro dos quais é realizado em Pisa. Depois desse congresso, o movimento se alastra. Finalmente, o ano de 1847 marca o inicio do célebre triênio, que conduz o povo italiano à sua unidade.

* * *

O ano de 1848 marca o triunfo do liberalismo na Europa e com ele o romantismo politico atinge o seu apogeu. Em todos os paizes as perturbações politicas tem a mesma origem: o movimento pró-liberdade do ensino. Na França, o governo provisório começa seu período, atacando esse principio. Agora, o socialismo entra em cena, contra os

excessos da política individualista. Finalmente, em 1850 o governo presidencial realiza a liberdade de ensino com a lei Falloux. A Suíça está influenciada pelo liberalismo alemão. Desencadeia-se aqui uma guerra civil (1847), que resulta na unidade federal e nacional do país. O liberalismo suíço cria universidades. Zurich (obra de Orelli, em 1833) e Berna, estabelecida em 1834.

Na propagação do movimento revolucionário da Europa Central, o papel das Universidades é decisivo. Assim, o germanismo e o scandinavismo têm por centro a universidade de Kiel, como também as de Copenhague e Cristiana (fundada em 1811).

No caso presente, o liberalismo se mostra no seu verdadeiro papel: o de criador do nacionalismo, o inimigo dos déspotas. Partindo da idéia da fraternidade e da universalidade, suscita insensivelmente a hostilidade entre os povos. A febre revolucionária atinge a Prússia, a Baviera e a Hungria. A única universidade da Hungria, Pest, luta também pela liberdade de ensino, influenciando de modo diréto Viena, que, juntamente com as universidades de Gratz, Praga e Innsbruck, procuram revolver êsse grave problema. Na Austria, uma revolução procura revindicar os direitos das classes burguesas e depositárias do liberalismo alemão. Uma das manifestações mais consideráveis do liberalismo romântico é o movimento eslavo de nacionalização com toda as suas consequencias. Orienta ele a vida intelectual, e, mais tarde, a vida política da Russia sob Nicoláu I. Neste paiz, as universidades de Moscou e Dorpat atraem grande número de alunos e passam a ser consideradas pelo Estado como centros subversivos. Nicoláu funda, então, em 1833, a Universidade de São Vladimir, em Kiev. Entretanto ela se torna, como a de Moscou, célula do desenvolvimento do panslavismo, o que não agrada ao autocrata russo, pois esse movimento não é favoravel à "Russificação". Mesmo na Ucraina, os povos slavos não

russo tentam um movimento de libertação sem consequências.

Dessa maneira, pelo seu trabalho fecundo, intelectual, sobretudo, o romantismo político modifica a face da Europa, sacudindo até os fundamentos dos países mais importantes.

A conquista das ciencias

O positivismo, que marca o fim do romantismo das escolas, domina a história intelectual das universidades até a época moderna. O seu desenvolvimento é, no século XIX, favorecido pelo progresso considerável das ciências físicas e pelos fatos concretos postos à disposição dos espíritos.

A origem do positivismo se encontra no meio cientista e no meio liberal, maximé dos economistas. Realmente, reina grande atividade no campo das ciências: a física, a química, a biologia, e as mais novas, como a geologia, acolhem grande números de fatos. As descobertas científicas desenvolvem um método que passa à rotina, engedrando um estado de espírito empírico, que, por sua vez, favorece a formação do positivismo.

Outro meio positivista é o do liberalismo economico, capitalista, que aplica o seu maior interesse nos fenômenos sociais, da mesma forma que os cientistas, aos da natureza. Assim, nasce tambem com êles esse mesmo positivismo dos cientistas.

Nasce na Alemanha, com HERBART, uma concepção de “filosofia natural” e se inaugura a concepção mecânica e realista da natureza. Esse movimento é reflexo do empirismo do século XVIII.

Entretanto, outra corrente de idéias aparece: o idealismo, a expressão do ponto de vista matematico, com seus dois grandes representantes: LOTZE e MACH. Positivismo e idealismo, ambos representam o esforço, a-fim-de ordenar, unificar a série de fenomenos da natureza. Mas a

característica mais importante do século não é suas correntes filosóficas. A história do século XIX é a dos conhecimentos e não do pensamento. Abre-se com o positivismo com Comte e outros nova era, rica de conhecimentos, pobre de saber.

* * *

Cabe à França o título honroso de centro das ciências física e naturais, com GAY-LUSSAC, CUVIER, etc., mas é na Alemanha que elas se organizam e são postas à disposição do ensino. A universidade de Berlim abre o caminho e as outras lhe seguem o exemplo. A especialização é levada ao máximo e os trabalhos de caráter experimental tomam vulto, havendo justo equilíbrio entre os trabalhos de estudo e os da instrução.

A química, a princípio aplica aos estudos farmacêuticos, depois de LAVOISIER toma grande incremento nas universidades alemãs, fundando-se a escola de LÉOPOLD GMELIN, para o estudo da química fisiológica e da química aplicada. Quanto à química científica, encontra ela seus centros de estudos nas universidades de Giessen, Berlim e Gottingue. Em Giessen, brilha a figura do grande LIEBIG. A fisico-química também chama a atenção para Giessen e Breslau. Mas, o maior interesse é o que desperta o estudo da química orgânica, cujo representante máximo é o WOHLER. A partir de 1850, os institutos universitários de química se instalam por toda parte e a divisão do trabalho já é objetivo atingido.

O progresso da física também é espantoso; ela logo se destaca da medicina, o que acontecera com a química, e faz grande esforço experimental, embora mais lento na sua evolução. É só em 1878, que Helmholtz obtem um instituto em Berlim, fato que marca a independência dos trabalhos científicos. Depois da física experimental é a vez da física matemática, onde se destaca a figura de GAUSS e de WEIRSTRASS. JOHANBES MULLER dá notavel impulso à fisio-

logia, da qual é o creador. A influência de MULLER atinge as universidades de Lovaina e Dorpart. Quanto às ciências naturais, biológicas e outras, a evolução é semelhante. A botânica, a partir dos meados do século, encontra outros campos de ação, devido à sua nova orientação química. Ela se subdivide em novos ramos (botânica agrônômica, fisiologia vegetal, etc), o que também acontece com a zoologia. A mineralogia está em combinação com a geologia e com a paleontologia. A geografia demora mais para se assegurar um lugar legítimo no ensino superior.

Movimento análogo a êsse da Alemanha se nota nos outros países da Europa Central e Oriental. O método de ensino científico é quasi o mesmo em todos eles, como também na Rússia.

Quanto aos países ocidentais, o movimento científico é mais precoce e mais profundo do que na Alemanha. Entretanto, a organização do trabalho e a sua assimilação ao ensino superior são mais lentos na sua evolução.

* * *

No inicio do século XIX, a França, e em particular Paris, é o centro da vida científica, principalmente das ciências biológicas. A botânica e a zoologia tomam forte incremento, ilustradas por LAMARCK, GEOFFROY, SAINT-HILAIRE e BROGNIART.

Pode-se dizer que a nova biologia nasce na França. As ciências inorgânicas também são largamente cultivadas: a mineralogia moderna data dos trabalhos de HAUY e os representantes das ciências físicas e matemáticas, CAUCHY AMPÈRE e ARAGO enriquecem o mundo com as multiplas contribuições.

Os dois centros da ciência pura, da ciência desinteressada são o Muséum e o Colégio de França, embora outras instituições ministrem ensino científico. A união das suas funções, que fez a glória das universidades alemãs, não se

realiza ainda na França. O segundo Império prejudicou extraordinariamente o desenvolvimento da ciência, rebaixou o nível do ensino superior, tornou o ensino árido e estéril.

Os últimos tempos

Além da criação dos instrumentos de trabalho, do desenvolvimento das pesquisas científicas, existe cada vez maior relação entre as universidades e os órgãos da vida pública. Na Alemanha forma-se a “Kulturpolitik”, e da coesão da pesquisa e do ensino prático resultam grandes transformações na ciência e na técnica. Ainda a universidade serve hoje como centro de harmonia e compreensão entre os povos.

Poderíamos estudar longamente as universidades americanas mas isto nos levaria muito longe. Melhor do que nós o professor Jorge Americano poderá sintetisar o desenvolvimento cultural nas universidades dos Estados Unidos. No século XX as universidades começam a entrar em contacto com as massas e em todas as circunstancias, nos empreendimentos públicos, na atividade política ou economica se nota a influência universitária. As universidades mais recentes da Alemanha, da Russia Soviética, são concebidas com o espirito de servir o público, a nação, a cultura universal. Fizemos assim uma síntese da sugestiva e grandiosa história do esforço intelectual da humanidade, acompanhando a vida das universidades atravez dos séculos.

Sobre a Universidade de São Paulo, seus problemas e futuro reportamo-nos ao trabalho do nosso preclaro colega Professor JORGE AMERICANO.

O Tempo Integral

Lendo-se o trabalho de JOSÉ REIS “O Tempo Integral na Legislação Estadual”, conclui-se que o regime do tempo

integral de trabalho foi instituído na administração do Estado, ha quasi 25 anos, pela lei n.º 2.016 de 16/12/24, que modificou a lei e o regulamento da Faculdade de Medicina de São Paulo. O regime foi sempre conceituado nas leis estaduais como a dedicação integral do funcionário ao exercício do cargo, ficando proibida qualquer outra atividade publica, privada, remunerada ou não. Esse sistema de remunerar que tem como pressuposto a necessidade de se confiar o exercício de certos cargos, técnicos ou científicos, a pessoas cuja verdadeira identificação com as funções seja tão completa quanto possível, de modo a afastar-se a hipótese do desvio dos seus esforços para outros misteres ou ocupações, foi copiado da administração norte americana, orientada pelos critérios mais seguros e práticos.

A alma do sistema consiste em pagar estipêndio correspondente à verdadeira renúncia de outras atividades. Se faltar essa correspondência o funcionário será sacrificado nos seus interesses e não teria a possibilidade de se entregar de corpo e alma às investigações aprofundadas e aos trabalhos demorados e exaustivos de laboratório.

Em 1924 os catedráticos e os auxiliares de ensino que passaram a servir no regime especial, percebiam, além dos vencimentos a gratificação de 30 e 18 mil cruzeiros anuais, respectivamente. A gratificação era compensadora para a época em que foi estabelecida.

Em 1931 o decreto n.º 4.891 de 13/2/31, que reorganizou serviços de saúde publica do Estado, dispôs que os funcionários sujeitos a esse regime teriam direito a mais 50% sobre os seus vencimentos. Outras leis previram gratificações mais baixas, até mesmo 20%. Na esfera da União o limite máximo foi de cento por cento, na forma do § 1.º do art.º 29 da lei n.º 284 de 28/10/36: Lei do Reajustamento. Hoje, por força do artigo 2.º do decreto-lei n.º 14.651, de 10/4/45, o acréscimo de tempo integral corresponde a 70% do padrão de vencimento. Temos que notar ainda que o § único do artigo 6.º do citado decreto-lei n.º 14.651 foi

revogado pelo decreto-lei n.º 14.866, de 13/7/45. “Full time”, tempo integral, não é trabalhar um numero determinado de horas por dia. Significa apenas o inteiro devotamento de um funcionário a um objetivo científico.

O histórico do decreto n.º 12.521 se encontra no Diário Oficial de 25/2/42. O assunto foi estudado aprofundadamente pelo Conselheiro AGUIAR WITAKER. Não devemos confundir tempo integral, regime *suigeneris*, com tempo extraordinário, ou excesso complementar do tempo normal. A estabilidade é a característica do próprio cargo, tendo como consequencia a dedicação exclusiva dos funcionários às pesquisas científicas, sem preocupações pecuniarias. Uma vez posto um funcionário em regime de tempo integral é preciso que o Estado lhe garanta o futuro e o da familia. Torna-se ele um sacrificado da ciência. Com a sua atividade restrita torna-se menos apto do que os seus colegas para ganhar a sua vida. Dispensado do regime de tempo integral, estará fadado à miséria negra e irremediáveis.

O nosso pensamento sobre o tempo integral

O regime de tempo integral significa uma atitude de vida, a consagração de um servidor publico a uma tarefa. Consequencia: dedicação integral, amor exclusivo a uma determinada atividade. É a sublimação da atividade em uma função pública, e não aumento de ordenado. Sei perfeitamente que existem abusos, e numerosos, em matéria de tempo integral. O mesmo acontece em todos os outros ramos da administração. Haja vista a calaçaria proverbial dos funcionários públicos protegidos. O regime de tempo integral é indispensavel para o aperfeiçoamento dos estudos na Universidade. Evidentemente devemos coibir os abusos e tornar a burocracia eficiente. E é por isto que temos um ponto de vista definitivo em matéria de profissões liberais, como se vê neste trabalho. Não podemos economizar com a instrução e a educação. Nunca o Estado po-

derá gastar excessivamente com a instrução e a educação públicas, pois as despesas com a instrução do povo constituem verdadeira economia.

A disseminação dos conhecimentos significa sempre aumento da produção, e portanto, da riqueza nacional. O laboratório é hoje a base da vida economica dos Estados. O Agricultura, a Industria, o Comércio, só progridem nos Estados que tenham laboratórios perfectos, verdadeiras fontes de vida na economia estatal. O aperfeiçoamento dos laboratórios determina aumento da produção e da riqueza. Todo dinheiro empregado no aperfeiçoamento dos laboratórios constituem emprego produtivo da riqueza, visto que hoje instrução é prosperidade, e decrescimento dos conhecimentos, pobreza e miséria. O Estado deve é organizar convenientemente os serviços publicos, tornando-os produtivos e efficientes, economizar evitando gastos inuteis, superfluos e desnecessários. Quanto à Universidade, nada de economias. Evitem-se os abusos mas empreguem-se capitais produtivamente em pról do aperfeiçoamento do nosso ensino. Criem-se taxas novas, elevem-se os impostos, contraiam-se empréstimos, internos e externos, mas que não falte dinheiro para o aperfeiçoamento e o progresso da nossa Universidade. Da grandeza da Universidade de São Paulo depende o futuro do Brasil!

Falando no Conselho Administrativo do Estado salientei que a Universidade de São Paulo e a Universidade Católica merecem todo o apoio dos governos e dos particulares. Se os capitalistas não compreenderem a missão altissima, o dever indeclinavel que têm de amparar estas instituições beneméritas, que sejam coagidos pelo Governo.

É esta a verdade que digo honestamente e sem rebuços.

PARTE II

Necessidade indeclinavel é a de uma reforma profunda no nosso ensino. O Brasil é um país onde domina o maior

descanso em matéria de instrução e de educação. O resultado do nosso ensino é profunda ignorância por parte dos alunos, devida a inépcia dos programas e aos métodos errados de ensino. Os alunos perdem muito tempo decorando futilidades, criam horror à leitura, à ciência, não concebem a função principal do ensino que é adaptar o indivíduo ao meio, tornando-o um homem útil à sociedade. O aluno estuda para fazer exame, não tem ação, não medita, não pensa e não quer pensar.

É preciso difundir o ensino primário e despertar o interesse da criança pela leitura, fazendo-a raciocinar, plasmando-lhe a personalidade. A mocidade das escolas, as elites intelectuais, têm uma grande missão a cumprir e é necessário por o rádio, o cinema, todas invenções modernas, todos os meios de educação e esclarecimento das massas em ação nos tempos modernos.

A educação secundária é a que dá a preparação intelectual e a disciplina necessária para seguir-se uma profissão. O ensino primário corresponde ao núcleo mais central do ensino geral, integral indispensável para todo ser humano. O ensino secundário é a ampliação desse ensino integral, tendo ainda para caracterizá-lo o fato de ser seletivo e de preparação para a vida.

O ensino superior é uma especialização, e se caracteriza pela iniciação nos processos de formação científica, mesmo quando visa fornecer conhecimentos para uma dada profissão, como o Direito ou a Medicina. O ensino secundário destina-se à formação de uma capacidade geral. De acordo com o conceito moderno de Universidade, mesmo as escolas profissionais superiores devem ser institutos de altos estudos. Para o ensino superior exige-se interdependência dos laboratórios de ensino ou das salas de aula, com os laboratórios de pesquisas ou gabinetes de trabalho original de descoberta. Se nos limitarmos a dar os conhecimentos ou materiais da ciência já adquiridos e fixados não daremos ao estudante o feitio ou a mentalidade de que ele necessita.

Uma cousa é a ciencia já constituída, outra a ciencia em estado nascente ou em formação.

A universidade é um grupo de Institutos ou Academias, em que os estudantes, convenientemente preparados no curso secundário, entram no terreno do ensino especial e da investigação, dirigidos por mestres de alta competencia e originalidade, em que, por meio de bibliotécas, laboratórios, museus, publicações e conferencias, se disseminam os conhecimentos.

Função da universidade

É dupla a função universitária; social e internacional. A sua função social implica a incorporação aos estudos das modernas ideologias e problemas sociais. Seria absurdo que as universidades ficassem isoladas no meio das comoções e transformações que se operam nos povos; não são máquinas de doutorar mas sim, crisól de homens, fócios de pensamento renovador e de forças espirituais. A Universidade deve socialisár a cultura e vincular os povos.

Os problemas da mocidade

É necessário iniciar uma grande campanha em pról da solução dos problemas da mocidade. Para isso é indispensavel a colaboração das modernas gerações.

Adaptação às condições do mundo moderno: eis o problema fundamental da mocidade! Existe hoje o dominio das massas e consequente democratisação da vida. O radio, o cinema, o automovel, os livros, as revistas, os jornais, tudo, tudo é comum. Consequencia: democratisação da cultura. É preciso pois dar educação comum para a vida comum a todos os membros da comunhão social. Ensino gratuito e difusão dos conhecimentos, é disto que precisamos.

Discute-se hoje, e é necessário debater, se ha decadência da mocidade. Creio que não, e que é necessário prepararmos a mocidade para a direção da sociedade futura.

Educação da mocidade no campo, orientação profissional da mocidade, ensino e trabalho obrigatório, a mocidade e a politica, a mocidade e os esportes, a mocidade e o crime, a mocidade e a saúde, a higiene mental da sociedade, a mocidade e os movimentos coletivos: temas a estudar e a debater.

O descanso, a bôa applicação das horar de lazer e das férias, o trabalho manual e a leitura como higiene do espirito, são outros tantos tópicos de interesse extraordinário. Será necessário ainda encarecer a preparação da mocidade para o casamento?

Devemos além disto desenvolver a solidariedade social, com método de aperfeiçoamento da mocidade. O que não podemos é abandonar a mocidade brasileira porque dela depende o futuro de nossa Patria. Além dos aspéctos internacionais dos problemas da mocidade, precisamos insentivar a colaboração e a harmonia entre os moços e as antigas gerações. O problema da mocidade brasileira, que é o problema do futuro do Brasil, só póde ser resolvido com a harmonia e a colaboração entre os moços e os velhos. É imperioso estabelecer a sadia colaboração entre os professores e alunos. Colaboração intégral, isto é, mestres e academicos devem conjugar seus esforços no que respeita à administração e à orientação de ação universitária. A própria disciplina academica não deve ser da competencia exclusiva dos mestres, mas tambem dos alunos. A administração mixta dos institutos universitários deve ser acoroçada.

A uniçersidade e o povo

A Universidade precisa ir ao povo, entrar em contacto com as massas. A Universidade deve iniciar uma grande

e magnífica campanha de educação popular. A difusão cultural, missão que incumbe a Universidade, beneficiará a indústria o comércio e a lavoura.

Os estudantes deveriam fundar escolas noturnas, dirigidos pelos seus mestres, para alfabetização em massa. Hoje instrução significa riqueza e civilização. O desenvolvimento da riqueza está em estreita relação com o desenvolvimento da instrução. A instrução do povo traduz-se por prosperidade: quanto mais elevado o nível social de um povo, tanto mais produtivo e tanto mais rico ele se torna. Consequentemente as despesas com a educação e instrução pública constituem o emprego mais produtivo de capital que se possa imaginar porque o Estado, dispendendo com a educação do povo, está incrementando a riqueza da nação, concorrendo para o desenvolvimento da produção e para a tranquilidade e a felicidade das massas. Nunca o Estado, diz, NATI, pôde gastar excessivamente com a instrução e a educação públicas, porque as despesas com a instrução do povo constituem verdadeira economia para o Estado. A disseminação dos conhecimentos significa sempre aumento da produção, e portanto, da riqueza nacional.

Hoje o laboratório é a base da vida econômica dos Estados. A Agricultura, a indústria, o comércio, só progredem nos Estados que tenham laboratórios perfeitos, verdadeiras fontes de vida na economia estatal. O aperfeiçoamento dos laboratórios determina aumento da produção e da riqueza. Todo o dinheiro empregado no aperfeiçoamento dos laboratórios constituem emprego produtivo da riqueza, visto que hoje instrução é prosperidade, e decrescimento dos conhecimentos, pobreza e miséria. É o que compreendeu o nosso grande ex-Reitor professor JORGE AMERICANO. Espírito esclarecido deu uma nova orientação ao movimento tendente a reformar as nossas instituições culturais.

A obra do Professor JORGE AMERICANO passará à História da nossa Universidade como um novo marco no desenvolvimento da cultura no Brasil.

PARTE III

Ideias gerais

1) Um plano de estudos, nada significa por si mesmo. O que é fundamental é o método. Não devemos transmitir mecanicamente um conjunto de conhecimentos já elaborados. Precisamos é de disciplina mental, desenvolvimento de aptidões, exercício da inteligência e da vontade, elevação da alma e aperfeiçoamento do coração, para que o aluno, por si mesmo, possa adquirir conhecimentos e opiniões próprias.

O plano de estudo é o coroamento, é um instrumento entregue ao corpo docente. As minhas ideias já foram expostas em numerosos trabalhos.

É preciso democratizar o ensino, aperfeiçoar os métodos didáticos, e tornar o estudo atraente, moderno e arejado.

O exame, com as reprovações, de nada vale. Significa apenas exercício de memória, superficialidade e destruição da iniciativa individual. O exame é um método de tortura medieval. O verdadeiro sistema consiste em ensinar o estudante a trabalhar, criando hábitos de estudo e investigação. A quantidade de conhecimentos adquiridos pouco importa. Entre nós se estuda para fazer exame, o que debilita o espírito de independência e responsabilidade pessoal. É a opinião dos maiores pedagogistas modernos.

As universidades devem ser centros de investigações pessoais.

Grande atenção deve ser dada ao intercâmbio.

2) É necessário que se estabeleçam cursos de seminário, bibliotecas circulantes e em trânsito, livre acesso dos estudantes às estantes, bibliotecas especializadas, etc.

3) É indispensável a criação de museus acadêmicos e do museu universitário.

4) A Universidade de São Paulo deve ter um clube na cidade, onde se reúnem os professores das escolas supe-

riores, suas famílias, visitantes ilustres e professores da universidades estrangeiras.

Além do clube da cidade, devemos criar um clube de campo, onde os professores universitários se reunam nos dias de folga.

Seriação do curso de direito

Primeiro ano:

Introdução ao estudo do direito (3 trimestres)
Economia política (3 trimestres)
Historia do direito (3 trimestres)

Segundo ano:

Direito Civil (3 trimestres)
Direito Penal (3 trimestres)
Ciencia das Finanças (3 trimestres)
Direito Constitucional (3 trimestres)

Terceiro ano:

Direito Civil (3 trimestres)
Direito Penal (3 trimestres)
Direito comercial (3 trimestres)
Direito judiciário civil (3 trimestres)

Quarto ano:

Direito Civil (3 trimestres)
Direito comercial (3 trimestres)
Direito Judiciário (3 trimestres)
Legislação social (3 trimestres)
Medicina Legal — (3 trimestres)

Quinto ano:

Direito Judiciário Civil (3 trimestres)
Direito Judiciário Penal (3 trimestres)
Direito Internacional Privado (3 trimestres)
Direito Administrativo (3 trimestres)

Seminários:

1 de Direito Civil, 1 de Direito Judiciário Civil, 1 de Direito Penal.

Curso de alta cultura jurídica

Matérias fundamentais:

- 1 de Direito Romano (3 trimestres)
- 2 de Direito internacional (3 trimestres)
- 3 de Filosofia do Direito (3 trimestres).

1) O curso de alta cultura jurídica será para alunos selecionados rigorosamente e dará direito ao título de Doutor.

2) Haverá cursos de alta cultura das seguintes matérias: Direito Penal, Direito Público, Direito Civil comparado, Criminologia, Ciências Econômicas, Direito Internacional, História do Direito Nacional, Direito Internacional Privado e Processo.

3) Para obter o título de Doutor é necessário ter frequentado o curso fundamental e, à escolha do candidato, três matérias mais. Além disso, exige-se a apresentação de uma monografia original e a defesa de 10 teses sobre matéria jurídica.

4) Os professores do curso de alta cultura jurídica têm a mais ampla liberdade na organização do curso. Os seminários, os trabalhos práticos e de investigação, serão orientados pelos professores que poderão recorrer ao auxílio de especialistas de outros institutos universitários.

5) Os professores terão à disposição, todas as facilidades necessárias para às suas investigações, a critério da Congregação da Faculdade de Direito.

6) Um dos escôpos do curso é o intercâmbio intelectual com as Universidades nacionais e estrangeiras e o desenvolvimento da solidariedade humana.

7) O curso de alta cultura jurídica serve os ideais da fraternidade e concorre para o aperfeiçoamento científico da humanidade.

PARTE IV

Observações finais

Poderíamos nos referir ainda às várias sugestões apresentadas para a reforma do ensino no Brasil. Existe o

trabalho da comissão da Faculdade de Direito, publicado na Revista da Faculdade, redigido por MIRANDA AZEVEDO e JOÃO MONTEIRO, o parecer, publicado no volume XXV e subscrito por BRAZ DE SOUZA ARRUDA, WALDEMAR FERREIRA, VICENTE RAO e SAMPAIO DORIA. No mesmo volume vem o trabalho “O Problema Universitário”, de minha autoria. A ele me reporto neste instante. No mesmo volume XXV da revista da Faculdade de Direito de São Paulo vem um pequeno estudo do Professor JOÃO ARRUDA que é digno de atenção. Diz ele que fazem os professores o que podem para darem aos seus discipulos os conhecimentos mais proveitosos aos bachareis em direito, mas infelizmente não os auxilia a nossa organização do ensino superior, que não corresponde aos progressos da Didatica. Observa o professor JOÃO ARRUDA que proporia muitas outras cousas si não temesse ser malsinado de propugnador de ideias subversivas acerca do ensino juridico. Saliencia que seriam proveitozissimas para nós as UNIVERSIDADES FLUTUANTES, a-fim-de que os estudantes soubessem o que vai pelo mundo, e não incidissem no erro de que nos dá o poeta, quando escreveu:

*“Et pense, à son enclos, bornant son horizon,
Que le monde finit où finit sa maison”.*

Diz JOÃO ARRUDA que o escôpo que se têm proposto nossos dirigentes é o da formação de advogados aresteiros: nada mais.

A America do Norte tem as denominadas “travel organizations”, destinadas a facilitarem as peregrinações dos estudiosos pelo estrangeiro, mas os nossos rapazes não podem pretender tal jornada circulatória, porque nenhuma facilidade lhes é concedida pelo nosso Governo.

No artigo “Profissões Liberaes” publicado no volume XXV da revista da Faculdade de Direito, JOÃO ARRUDA es-

tuda o problema do bacharelismo entre nós. É contra a limitação forçada e diz que não se deve deixar ao Diretor a fixação dos números dos alunos mas sim que o legislador deve determinar previamente qual o numero de alunos necessários para preencher as necessidades do país após cuidadosa investigação a respeito. Diz JOÃO ARRUDA que, após o exame vestibular já se podem notar quais os rapazes em condições de brilhantemente figurar na carreira das letras. A banca examinadora dará por escrutinio secreto e só os alunos que obtiverem a mais alta média poderão entrar para o 1.º ano. Este exame de habilitação deve ser severissimo e ter o character de exame de habilitação vocationaL.

Ha um problema que também sempre interessou o Professor JOÃO ARRUDA, sobre o qual apresentou até memorias ao conselho da Ordem dos Advogados de São Paulo, o “Proletariado Intelectual”. Diz ele que ha várias medidas a serem tomadas.

Diz JOÃO ARRUDA que é preciso amparar os profissionais dotados de real capacidade.

É necessário desviar do estudo do Direito àqueles que não tem vocação, desviando-os para outras profissões. Precisamos de eletricitas, mecânicos, desenhistas, marceneiros, quimicos, etc. É dever do Governo dar aos particulares as escolas e os mestres de que necessitam para o estudo da quimica, da eletricidade, etc., e garantir a colocação dos alunos que se mostrarem devidamente preparados. Em suma: o governo crea peritos, para progresso da industria, e impõe os profissionais, para que seja aperfeiçoado o nosso parque industrial.

Sejam estabelecidas escolas industriais, fundem-se grandes laboratórios de experiencias. Ao mesmo tempo garanta-se aos profissionais dotados de real capacidade colocação nos estabelecimentos industriais dos capitalistas, que querem

aproveitar-se das descobertas científicas: haja essa reciprocidade entre o capitalista e o homem de estudos, o proletário intelectual.

A nossa profissão

A distinção entre profissional e amador parece-me moderna, consequência da terminologia esportiva. Técnica-mente a profissão é constituída por um grupo de homens dirigindo-se para um fim comum, animados por um espírito comum, agindo de acôrdo com regras estabelecidas, exercitando e praticando uma arte, com a característica de munus público. Devemos firmar bem esta característica de munus público, de serviço prestado a coletividade. Modernamente concebe-se o curso de bacharelado como uma série de exames para se obter um título e se poder exercitar uma profissão lucrativa, para se ganhar dinheiro. Na nossa organização o curso de direito deve ter em vista preparar o estudante para servir a coletividade na profissão jurídica, como magistrado, como advogado, como professor.

Se estudarmos historicamente o que seja uma profissão, encontraremos três características: organização, preparo técnico e espírito de um munus publico.

A profissão é sempre fruto de um aprendizado mas deve ter em vista um fim cultural, um ideal de serviço à comunhão social no exercicio de uma arte.

A segunda característica é importantissima, o espírito de serviço público. Uma profissão é uma atividade desenvolvida em beneficio da sociedade. Os melhores serviços de um profissional são muitas vezes prestados gratuitamente: o melhor pagamento é a própria obra. O direito, a medicina, o jornalismo, etc., devem ser profissões exercidas no regimen de cooperação, como munus público. Daí a necessidade do preparo profissional cuidadoso. O advo-

gado competente é o melhor auxiliar da justiça, poupando tempo aos magistrados. No bacharelado devemos preparar os alunos honestamente para o exercício da profissão, desenvolvendo o espirito profissional, o desinteresse, a honrabilidade. É por isso que preferimos a denominação — curso de direito. Poderíamos fazer um estudo da profissão jurídica através dos tempos, na Grécia, em Roma, na Idade Média, em Portugal e no Brasil. A conclusão contudo seria a mesma: a profissão deve ser exercida como um munus público, e não com a idéia lucrativa.